

Estimados leitores e estimadas leitoras, a CRB, ao comemorar 60 anos, deseja presentear vocês com leituras inspiradoras e cativantes. O texto Mensagem é uma entrevista com o Pe. Libanio, concedida à CRB em julho de 2013, quando ele completou 80 anos. A CRB Nacional retoma e apresenta a homenagem feita ao Pe. Libanio em reconhecimento pelo testemunho profético e a diferença que ele fez na Igreja e na sociedade como religioso consagrado.

No final da entrevista, Pe. Libanio deixa uma mensagem especial para a Vida Religiosa: “Amar e deixar-se amar; cuidar e deixar-se cuidar. Encarar a vida com dose de humor, sem tragédia, mesmo nas horas difíceis, porque lá no mais profundo de toda dor e alegria, de toda felicidade ou sofrimento, existe um amor infinito que nos consola e nos ama: a Trindade”.

O primeiro Informe apresenta o livro *Memória histórica: lições de uma caminhada de 50 anos*. Trata-se do livro publicado quando a CRB completou 50 anos. Pe. Edênio Valle organizou o livro para apresentar à VR a história de 50 anos da CRB Nacional.

Márcia Maria de Oliveira faz “Breves considerações sobre as Políticas de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas na Amazônia” no segundo informe. Escreve principalmente sobre o tráfico de pessoas em reservas indígenas da Amazônia, especialmente de mulheres jovens e adolescentes do sexo masculino.

A seção Artigos inicia-se com homenagem a Nossa Senhora, no texto de Lina Boff “Avançou na peregrinação da fé: para uma espiritualidade encarnada”. A autora apresenta Maria como a mulher que cresceu na fé e nos remete à espiritualidade encarnada que se inspira em Maria.

Ir. Valentina Stilo escreve sobre “A presença evangelizadora da VC no mundo universitário”. Pergunta a autora: Que sentido tem “evangelizar”? Que sentido tem evangelizar a Universidade? Que sentido tem evangelizar a Universidade como mulher consagrada? Partindo destas perguntas, a reflexão propõe-se a observar a beleza desafiante da evangelização, do mundo universitário e da Vida Consagrada que o evangeliza, para deixar que tal beleza evoque algumas possíveis interpretações.

Por fim, Dr. Ênio Brito faz algumas reflexões sobre “A saúde existencial e a Vida Religiosa”. Segundo ele, “uma boa Vida Religiosa tem, ou deveria ter, como uma de suas mais importantes prerrogativas a saúde da pessoa religiosa, isto é, antes de cuidar das questões relativas à paróquia ou à casa religiosa ou aos fiéis, é necessário que a pessoa religiosa cuide de si”.

Aprender é divertido, ler é um prazer. Para o poeta Mário Quintana, “Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem”.

IR. LAURO DAROS, marista

Padre Libanio fala à CRB Nacional ao completar 80 anos

Por ocasião do 80º aniversário de padre João Batista Libanio, em julho de 2013, a CRB Nacional prestou-lhe uma homenagem. Pe. Libanio concedeu entrevista à Assessoria de Comunicação, na qual tratou sobre temas relacionados à caminhada da Igreja e sua presença atuante também na Conferência dos Religiosos do Brasil, e versou ainda sobre os 80 anos que completara.

A CRB Nacional retoma e apresenta a homenagem feita ao Pe. Libanio em reconhecimento pelo testemunho profético e a diferença que ele fez na Igreja e na sociedade como religioso consagrado.

1. Qual o seu nome completo?

João Batista Libanio.

2. Há quanto tempo o senhor está na Vida Religiosa?

Entrei no noviciado da Companhia de Jesus no dia 1º de fevereiro de 1948.

3. Nesses oitenta anos de vida, conte-nos uma experiência bonita que o marcou.

Nos anos do Governo Militar, em que pesava forte repressão no Norte do Brasil, na região do Araguaia, estive com a equipe do IBRADES dando um curso de formação social e teológica. Numa das reuniões, alguém me mostrou um

De início, apresentávamos um esquema. Todos os colegas o criticavam para aperfeiçoá-lo, deixando, naturalmente, a liberdade de o expositor acolher ou não as críticas. Depois submetíamos um capítulo redigido ao mesmo processo de crítica e finalmente terminávamos com a redação definitiva de um artigo ou de um livro. Eventualmente, o assunto escolhido se articulava com o tema da Assembleia Geral. No meu caso, em várias Assembleias Gerais fiz palestras a partir desses estudos que culminaram na elaboração de publicações. Assim o meu primeiro livro, depois da Tese doutoral, com o título *Vida religiosa e testemunho público* [CRB: Rio,

6. Desses materiais elaborados, qual o senhor mais gostou e achou interessante? Por quê?

Os textos refletem o momento cultural em que se vive. Naqueles momentos de entorpecimento da consciência crítica por força do Regime Militar, os três pequenos livros sobre a Formação da Consciência Crítica tiveram boa repercussão. Dei inúmeros cursos sobre eles tanto nos regionais da CRB como em vários países da América Latina e até da Europa. Outro livro, *A volta à grande disciplina*, produziu certo impacto e até hoje guarda alguma atualidade por causa da conjuntura eclesial presente. Nele, assinalava sinais de arrefecimento da onda renovadora do Concílio Vaticano II e de Medellín/Puebla com a entrada de forças conservadoras nos diversos setores da Igreja. *As grandes rupturas...* ofereceram também ocasião para cursos de conscientização sobre a Igreja e Vida Religiosa do momento.

7. Que significa para o senhor ser teólogo no contexto atual?

Na Igreja, qualquer vocação adquire sentido na perspectiva do serviço ao povo de Deus. Talvez tenha sido defeito de determinada teologia tradicional ter esquecido tal perspectiva fundamental e ter-se feito antes guardião da ortodoxia e da autoridade eclesiástica. Esquecera o povo de Deus. Entendo ser teólogo como ministério no espírito de Santo Anselmo: de oferecer inteligência à fé do simples fiel. Esta não se reduz ao nível estritamente intelectual, mas afeta a totalidade da vida do cristão. À medida que a pessoa amadurece na fé, pede maior clareza, discernimento e lucidez. Rahner formulou de modo bem simples: quer-se crer honestamente, sem violentar a própria liberdade, autonomia e inteligência. A teologia põe-se à disposição desse fiel para que permaneça maduramente leal a sua consciência na prática da vida cristã.

8. Que contribuições a teologia poderá dar para um mundo secularizado e plural? Ou qual o papel dela?

A fé se distingue da religião. A secularização afetou principalmente a religião enquanto instituição que regia a conduta, o modo de pensar, a compreensão da vida das pessoas no referente à relação com o Divino e com a prática moral. Não necessariamente implica fé em Deus, como a fé cristã interpreta. Cabe perfeitamente uma religião que normatize o comportamento religioso e moral, mesmo que seja num clima vago, etéreo, místico no sentido amplo. A secularização contrapôs-se fortemente à imposição de fora de qualquer doutrina ou prescrição pela força da autoridade. Afirma a autonomia das pessoas. Não significa, porém, que secou a veia religiosa. Agora ela se afirma conforme o gosto dos indivíduos. Alguns se mostram ainda mais religiosos, mas insubmissos aos ditames prescritos pelas instituições religiosas. A fé passeia no espaço da liberdade que experimenta o Transcendente pessoal, sentido radical de sua vida e que, por isso, lhe norteia o existir. A sua força vem da Palavra acolhida como revelada. A secularização serve até para purificar a fé e aprofundá-la. No entanto, quem vincula a própria fé aos ditames da religião, a secularização lha abala. O papel da teologia consiste em exercer a função crítica em face das confusões entre imposições da religião institucional, práticas religiosas avulsas e plurais e a fé que acolhe a pessoa de Deus revelador. Para o cristão, a Escritura e, sobretudo, a pessoa, ensinamento e prática de Jesus, constituem a fonte última da fé que lhe dá sentido à vida. Não raro entra em choque com determinadas práticas religiosas e institucionais. Estas existem para facilitar a fé e não para coibir-lhe a liberdade.

9. Como um mundo secularizado e plural contribui para que a Vida Religiosa assuma a sua vocação profética?

A Vida Consagrada se põe do lado da fé, da experiência de Deus, como Palavra acolhida a provocar-nos a conversão

de vida seguida de práxis, compromisso. Por natureza se faz profética, ao submeter o real à interpelação da Palavra de Deus, chegada à plenitude na pessoa de Jesus. Nisso consiste fundamentalmente o papel da Vida Consagrada: testemunhar a Deus revelado por Jesus, como puro amor, puro dom. E a resposta cristã só assume sentido na linha do dom de si a Deus e aos irmãos. Em retratar tal vida revela-se a finalidade principal do/a religioso/a.

10. Uma das preocupações da Vida Religiosa é a falta de vocações. A seu ver, a que se deve esse fato?

Vários fatores interferem. Pesa muito a acentuada diminuição demográfica de filhos por família. Antes os rincões religiosamente resguardados com muitas crianças e jovens permitiam aos pais orientá-los para a Vida Consagrada. Esta se ligava fortemente ao imaginário religioso mantido pelo poder da religião institucional. A secularização corroeu-o. Deslocou o aspecto religioso sob a tutela da Religião institucional, no nosso caso, da Igreja Católica, para as experiências individuais, autônomas, livres. Já não se enquadram dentro de organizações como a Vida Consagrada institucional. Talvez jovens procurem outras formas religiosas. Lá nos interiores de Minas um casal jovem substituiu o casamento católico pelo celta. Pode ser até mais religioso, mas escapa da tutela eclesiástica e cai sob a escolha individual. Esse aspecto mina muitas vocações à Vida Consagrada da Igreja Católica. Para mim, a causa maior está na autonomia das pessoas e na busca individualista das experiências humanas, religiosas, desvinculadas de instituições.

11. Que dicas o senhor daria para a formação dos jovens de hoje para a Vida Religiosa?

Há vários anos, escrevi um artigo que depois foi inserido num livro, *O discernimento espiritual revisitado* (2. ed. São Paulo: Loyola, 2005), que tentava responder a tal pergunta. Lá dizia que a vocação religiosa vivida na perspectiva da fé cristã

se fundamenta, em última instância, na experiência radical de Deus. A formação consiste então em oferecer condições para o jovem discernir em que grau e em que profundidade ele está a fazer tal experiência, como alimentá-la e firmá-la ao longo dos anos de formação. A vida comunitária e a missão apostólica nascem de tal experiência e nutrem-na. A interpenetração das três dimensões da existência de fé permite o formando vivenciar a própria vocação. Todas as outras peças da formação encontram sentido à luz de tal experiência fundante. As três dimensões básicas da Vida Consagrada se resumem à experiência de Deus, à vida comunitária e à missão. A experiência de Deus lança o fundamento. A vida comunitária alimenta-se de tal experiência e a alimenta. Além disso, recarga afetiva, psíquica e espiritualmente o religioso para missão. Esta irradia as duas anteriores de tal modo que cada uma remete à outra. E as três vivem, na expressão trinitária, verdadeira pericorese, profunda interpenetração, passeando uma pelo terreno da outra.

12. Aos seus 80 anos, que mensagem o senhor deixa para a Vida Religiosa?

Amar e deixar-se amar; cuidar e deixar-se cuidar. Encarar a vida com dose de humor, sem tragédia, mesmo nas horas difíceis, porque lá no mais profundo de toda dor e alegria, de toda felicidade ou sofrimento, existe um amor infinito que nos consola e nos ama: a Trindade.

IR. ROSINHA MARTINS
Assessora de comunicação da CRB
Fonte: www.crbnacional.org.br

Memória histórica dos 50 anos

Nos 60 anos da CRB Nacional, fazemos recordação do livro *Memória histórica: lições de uma caminhada de 50 anos*. O livro foi organizado pelo Pe. Edênio Valle, svd, há dez anos, em 2004, no jubileu de ouro da CRB Nacional. Na apresentação do livro, Irmã Maris Bolzan, sds, Presidente Nacional da CRB de 2001 a 2007, destaca que “Este tempo de graça tem sido propício para fazermos a memória do caminho percorrido, da história construída, dos obstáculos superados, do compromisso, da perseverança e audácia criadora. Como ‘discípula’, a CRB olha para o *passado* para agradecer, aprender e retomar a aliança; acolhe o *presente* reavivando o diálogo entre Carisma e realidade – abrindo-se, com nova sensibilidade, às interpelações – e *sonda o horizonte do futuro* com realismo, sonho e firme esperança”.

Padre Edênio, ao introduzir o livro, escreve que “a CRB, além de um marco fundamental para a história da VR no Brasil, significou para nossas Congregações e para a Igreja uma bênção de Deus. Se temos hoje o rosto que temos, nós o devemos, em larga medida, à Conferência que nos reuniu em uma só e grande família, com identidade e metas próprias, dentro da comunhão-missão que nos cabe na Igreja e no Brasil”. Hoje, aos 60 anos, a CRB mantém-se bênção de Deus para a Igreja e para as Congregações, conforme o Horizonte da CRB para o triênio 2013-2016: “Levantamo-nos com entusiasmo renovado para ir às fronteiras da missão, abraçando a causa dos pobres e dos jovens, ouvindo seus gritos e compartilhando suas dores”.

Padre Edênio apresenta aos leitores o conteúdo dos seis capítulos:

★

Cada um deles se dedica a um dos cinco períodos ou fases da história da CRB. A Irmã Maria Carmelita de Freitas se encarregou de contar *os primórdios da CRB*. Abordou uma fase de aproximadamente dez anos (de 1954 a 1965), transcorrida em boa parte dentro do marco da Igreja pré-conciliar com seus modelos bem definidos de Vida Religiosa. Mas notavam-se já então claros sinais de que algo realmente novo estava por acontecer. Esse algo novo era o Concílio Vaticano II (1962-1965), que traria um sopro de criatividade inédita para a vida da Igreja e da Vida Religiosa no mundo inteiro. Irmã Helena Ferreira, rscj, e Irmão Afonso Murad, fms, comentaram essa reflexão da Irmã Carmelita.

O segundo período – que vai do fim do Concílio (1965) até a Assembleia Episcopal de Puebla (1979) – corresponde aos anos *ruggenti* do pós-Concílio, como se dizia na época. Arrastada pelo entusiasmo dos Bispos que participaram diretamente do Vaticano II e da Assembleia de Medellín (1968), a Vida Religiosa viveu uma etapa de questionamentos, revisões e buscas que, por sua vez, repercutiam as drásticas mudanças de nosso país, manietado por uma ditadura militar, mas ansioso por reverter essa situação de minoridade política e social. O período militar abriu um espaço social e eclesial novo e desafiador para a Igreja e, nela, para a Vida Religiosa. Essa abertura trouxe também vacilações e equívocos. A descoberta da realidade em que vivia o povo brasileiro, propiciada pelos milhares de religiosas/os nos meios populares, do qual a VR mais tradicional vivia um tanto distante, representou um questionamento e um desafio extra e sem precedentes para os modelos e obras tradicionais que haviam sido implantados entre nós, na primeira metade do século XX.

O período foi tratado pelo Pe. Cleto Caliman e os comentários foram feitos pela Ir. Maria Helena Morra, rscm, e pelo Pe. José Comblin.

O período tomado em consideração pelo terceiro painel coincide, na prática, com o pontificado de João Paulo II. A eleição do Papa trouxe consequências expressivas para a Igreja e a Vida Religiosa. A mudança de curso se fez sentir já durante a Assembleia Episcopal de Puebla

(1979). Ninguém melhor do que o Pe. João Batista Libanio para analisar, com seu olhar de teólogo, esses vinte anos intensamente vividos pela CRB. Os dois debatedores das colocações do conferencista principal foram o Frei Moacir Casagrande, a Irmã Vilma Moreira e o Irmão Afonso Murad. O quadro geral esboçado por esse painel é de grande atualidade para se compreender a presente situação da VR no Brasil.

Já entrando mais especificamente na história dos anos 1990, Pe. Edênio Valle apresenta o período de 1979 a 2004 como sendo uma fase de ‘encruzilhadas e passagens’. Deu ao seu texto cunho de testemunho do que viveu em sua própria vida não só nesses anos, como nos que os antecederam. Ir. Cleusa Andreatta e Dom Demétrio, Bispo de Jales – SP, foram os painelistas.

Os anos iniciais do século XX (triênio de 2001 a 2004) também mereceram consideração especial da parte do organizador da coletânea. Mesmo sabendo que o triênio está ainda em curso, tentou-se mostrar algumas de suas características, pois seria pena falar dos 50 anos sem tratar do momento que a CRB vive no presente. Note-se que no Seminário de Belo Horizonte o triênio, enquanto tal, não foi abordado. Por essa razão não constam no livro outros comentários além do quadro geral traçado pelo Pe. Edênio Valle.

Para fechar o livro temos as considerações tecidas no painel conclusivo por um historiador profissional, o Frater Henrique C. de Mattos. O olhar profissional desse conhecedor da VR brasileira e de sua história foi complementado pelas observações e comentários de uma teóloga, a Irmã Helena Teresinha Rech, e do ex-Presidente Nacional da CRB (1995-2001), Pe. José Roque Rohr.

Como apêndice são apresentadas as conclusões finais a que chegaram os/as participantes do Seminário. São orientações e dicas que merecem um debate mais aprofundado no verdadeiro lugar da caminhada da VR, que são as milhares de comunidades espalhadas pelo nosso imenso Brasil. É aí que se dá a verdadeira caminhada da VR rumo ao primeiro centenário. É aí que a reflexão histórica trazida por esse livro deve ser lançada como semente da novidade e das provocações do Espírito Santo à VR brasileira de amanhã. Oxalá essas lições da história nos orientem para uma maior coragem em dizer sim às ‘provocações’ do Espírito que nos impele rumo ao futuro.

★

Hoje, aos 60 anos, a CRB Nacional continua viva e atuante, em vista do Reino de Deus, em harmonia com a Igreja e com a CNBB. Para dar respostas concretas aos tempos atuais, fez opção por quatro Prioridades, explicitadas na contracapa da *Convergência*, junto com o Horizonte: Identidade e Mística; Missão, Profecia e Juventudes; Intercongregacionalidade e Leveza; Formação. E assim a CRB, de triênio em triênio, sempre renovando seu horizonte e suas prioridades, para ser fiel ao Reino, caminha com eficiência, eficácia e leveza para o primeiro centenário.

Certamente o livro *Memória histórica: as lições de uma caminhada de 50 anos* consta em muitas bibliotecas das comunidades religiosas do Brasil e das 20 Regionais. A CRB Nacional possui ainda 40 exemplares. Quem desejar, poderá solicitar pelo e-mail publicacoes@crbnacional.org.br.

IR. LAURO DAROS, marista

Breves considerações sobre as políticas de enfrentamento ao tráfico de pessoas na Amazônia*

Na Amazônia, o tráfico de pessoas constitui um crime que viola os direitos humanos desde o período da colonização e vem se perpetuando no comportamento social como algo normal e naturalizado. Isso insere a Amazônia numa situação bastante complexa, quando se trata de implantação e aplicação de políticas de enfrentamento a esse tipo de delito.

A Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, Decreto n. 5.948, de 26 de outubro de 2006, que estabelece, dentre outras, as bases do Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas – PNETP, é uma legislação bastante avançada, se comparada a outros países, principalmente porque tem por finalidade estabelecer princípios, diretrizes e ações de prevenção e repressão ao tráfico de pessoas e de atendimento às vítimas. Ou seja, a nossa legislação não criminaliza as vítimas. O problema é que a aplicação da lei, em muitos casos, criminaliza a vítima juntamente com o crime organizado. A meu ver, o problema é operacional. Os agentes institucionais que se encarregam da aplicação da legislação foram preparados para a repressão ao tráfico de drogas e, muitas vezes, aplicam as mesmas estratégias no caso do tráfico de pessoas.

Em linhas gerais, podemos considerar as diretrizes do Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas – PNETP um programa muito bem elaborado e com condições de promover a erradicação do tráfico em todas as regiões do país. O problema é que a operacionalização do PNETP através dos núcleos espalhados nas regiões mais

*Este texto é um fragmento de uma entrevista de Márcia Maria de Oliveira concedida à jornalista Kátia Brasil, que publicou um artigo sobre o tráfico de pessoas na Amazônia no site www.amazoniareal.com.br.

críticas e vulneráveis não consegue concretizar a legislação. E não é por falta de recursos, pois o Ministério da Justiça tem disponibilizado grande volume de recursos para esse objetivo. Parece-me que o problema está mais na ordem do entendimento do PNETP. Os agentes operacionais deveriam estar mais bem preparados, com formação específica na área, com concurso público. Isso evitaria a contratação de agentes temporários, sem qualificação para exercer uma função que é, a meu ver, bastante exigente. Inaugurar um núcleo, montar o escritório com toda a infraestrutura e contratar um agente que fique ali em horário comercial esperando ser procurado para o atendimento, não funciona.

Os núcleos deveriam dedicar boa parte do seu tempo na investigação, na pesquisa de campo, no levantamento da realidade, o que exigiria profissionais qualificados na área da sociologia, direito, antropologia e serviço social. Ou seja, os postos não podem funcionar apenas com técnicos que não conseguem ter uma dimensão do tema, muito menos da aplicação da política nacional. Da forma que os núcleos estão sendo operacionalizados no Amazonas, especialmente na tríplice fronteira Brasil–Peru–Colômbia, onde a situação é bastante crítica, não vamos avançar no objetivo de estabelecer princípios, diretrizes e ações de prevenção e repressão ao tráfico de pessoas e de atendimento às vítimas. Infelizmente, falta vontade política no Estado.

O tráfico de pessoas em reservas indígenas da Amazônia

Atualmente, há um alarde sobre o tráfico de pessoas, especialmente mulheres jovens e adolescentes do sexo masculino nas reservas indígenas. Primeiramente, é importante compreender que as reservas não são tão “reservadas” como se pensa. Há livre trânsito ali e o direito de ir e vir está garantido. Isso as coloca em situação de igualdade com qualquer outro grupo localizado em qualquer outro espaço social. O fato de estar numa reserva indígena não constitui uma garantia de imunidade ao tráfico. Pelo contrário. Mas vale

lembrar que o tráfico de meninas e mulheres indígenas é muito antigo na região, especialmente nas áreas de fronteira onde há forte presença do Exército que representa o Estado, e nem por isso consegue coibir o tráfico, pelo contrário.

Em segundo lugar é importante lembrar que, durante todo o processo de colonização da Amazônia, os grupos indígenas que permaneceram aldeados às margens dos grandes rios amazônicos foram alvo de toda forma de exploração, inclusive sexual, num processo de contínua vulnerabilidade das mulheres e crianças. No Ciclo da Borracha (1879-1945) foram registrados raptos e a comercialização de crianças e adolescentes do sexo feminino para o trabalho escravo e a exploração sexual. A partir da década de 1960, com o advento da Zona Franca de Manaus, o deslocamento do campo para a cidade tornou-se muito mais intenso e favoreceu o que os estudiosos das migrações definem como feminização das migrações, quando as mulheres passaram a migrar em busca de trabalho nas fábricas do Distrito Industrial. Muitas migraram e continuam migrando sozinhas ou por intermédio de amigos, parentes ou conhecidos.

À guisa de conclusão

Todos esses elementos nos permitem compreender uma das dimensões da condição da mulher na Amazônia e a necessidade de desnaturalizar as relações de poder e dominação a que fomos e continuamos sendo submetidas. Tais condições de dominação deixam caminhos abertos para a atuação das redes de tráfico em toda a região onde crimes como a pedofilia, o estupro e a escravidão não são denunciados e favorecem a atuação dos aliciadores que recrutam mulheres e meninas para a prostituição nos grandes centros, nos garimpos clandestinos no interior da Amazônia, nas frentes de trabalho dos grandes projetos, como a construção do gasoduto de Coari, das hidroelétricas e mineradoras. Além disso, muitas são levadas para outros países com a mesma finalidade.

Nesse contexto, a única forma de romper com esse ciclo

Avançou na peregrinação da fé

Para uma espiritualidade encarnada

LINA BOFF*

Começando de forma direta

Maria ser apresentada e falada como a mulher que cresceu na fé é um fato histórico que completa a plenitude dos tempos, na qual se realiza e continua se completando a História da nossa salvação. Tal fato encontra seu fundamento no Mistério da Encarnação.

A teologia, de modo geral, e, sobretudo, a teologia feita por mulheres ainda não conseguiu tirar as consequências deste Mistério que envolve toda a vida humana de toda pessoa. A partir deste mistério pode-se falar com maior liberdade de uma espiritualidade que se inspira em Maria de Nazaré, uma mulher como todas as outras mulheres da terra, com suas relações de amizade e de comadres entre elas e sua família, marido e filho. Maria era uma mulher que, com certeza, trocava receitas de doces e comidas típicas diferentes com suas amigas e conhecidas da pobre aldeia de Nazaré.

Sobre a questão da espiritualidade encarnada que se inspira em Maria, segundo a concepção e experiência de bons anos de magistério e de pastoral mariana em meio ao povo, afirmamos que a espiritualidade como tal não existe, senão dentro da vida e assimilada pela fé que se faz concreta na prática de qualquer serviço e pelas obras que se consegue realizar com a consciência de que estas apontam sempre para o Reino do Filho que ela gera dentro de si e o doa ao mundo.

Acreditamos que Maria de Nazaré construiu, intensamente, sua espiritualidade durante o tempo que carregou

* Lina Boff é professora emérita da PUC-Rio e de Mariologia na Faculdade dos Franciscanos de Petrópolis.

em si a gravidez do Filho de Deus, sem ter a plena certeza das consequências deste fato para a sua vida. Por ora, acreditamos que Maria ainda estava ocupada e entretida com a sua situação de mulher grávida com a certeza de que o filho que ela carregava não era de José, seu esposo, mas era seu filho e Filho de Deus, pela fé que ela tinha por este Deus Único.

Nesse sentido, Maria começa a adaptar-se à nova situação no abandono ao Pai e na penumbra de seus passos que pisam entre a certeza dada pela fé e a incerteza de suas consequências para si e para seu povo. Pode-se fazer breve interpretação do que acabamos de falar, isto é, que a espiritualidade mariana não se distancia do Espírito que por primeiro a tocou e pousou sobre ela. Só a partir de tal fato Jesus é gerado por Deus em útero de mulher. Nasceu como nós, cresceu, foi à sinagoga para aprender de cor a lei como todo judeu, ia ao templo uma vez por ano por ocasião da Páscoa, crescia em santidade e graça numa família normal como todas as outras.

Seguir Jesus nesse contexto é encarná-lo, como Maria deixou que ele se encarnasse n'ela para a salvação de toda a humanidade. Buscar o fundamento do Mistério da Encarnação é buscar o verdadeiro seguimento a ser feito na vida de cada uma de nós e de todos os cristãos que se entendem filhos de Deus por adoção em Jesus Cristo.

O Espírito encontrou uma mulher: Maria

E ela encarnou este Espírito, por isso vive uma espiritualidade a partir do mistério que carrega como resposta de haver dito SIM a um Projeto divino que ela mesma não sabia, claramente, em que ia dar. Viver a espiritualidade encarnada, portanto, é deixar-se engravidar pelo Deus que envia seu Espírito para gerar seu Filho pela força deste mesmo Espírito.

Nessa caminhada de fé, exercita-se na paciência de viver na penumbra das coisas cotidianas e no entrever das coisas que estão por vir. Nesse desenrolar dos fatos, só mais tarde cresce e aparece a consciência de que só em tal tempo em

que Maria traz o filho em seu ventre – ventre tantas vezes conturbado pela dúvida – é que foi se delineando o miolo de uma espiritualidade encarnada, isto é, uma espiritualidade que nasce do peregrinar na fé, e pede carne humana para se expressar. Essa expressão a encontramos naquela mulher que deixou o Espírito tomar corpo histórico nela.

Maria sempre mais se torna conatural à vida, pois gera e cuida desta vida durante todo o tempo, mesmo que não consiga vislumbrar ainda sua missão messiânica e salvadora (cf. BOFF, L., *O Espírito Santo: fogo interior, doador de vida e Pai dos pobres*, Vozes, 2013, p. 40). Por isso, afirmamos: a espiritualidade, seja ela mariana ou não, é aquilo que vivemos de concreto e muito rente à nossa vida cotidiana com seus altos e baixos. Essa espiritualidade é sustentada pelo peregrinar constante na fé e tem como fundamento o Espírito que desceu sobre Maria e com ele chegou o Salvador de toda a humanidade. Esta é uma espiritualidade que vem do Espírito, a terceira pessoa da Trindade, pessoa que compõe e faz parte da divina Comunidade de relação e de amor, que atua junto ao Pai como Criador, age junto ao Filho como Salvador e está presente e atuante no Espírito como a pessoa que não só santifica, mas constrói o Reino pregado por Jesus, porque impulsiona de dentro para fora todas as nossas realizações que apontam para a completude deste Reino pregado pelo Filho de Deus.

Viver uma espiritualidade que se inspira em Maria, portanto, é ir avançando na fé, na esperança e no amor que tudo plenifica e edifica. Mas tudo isso se dá em estado de peregrinação, isto é, caminhar por caminhos pedregosos, andar descalços e carregar muita poeira nos pés, poeira fina e tantas vezes vermelha que sobe para o corpo todo. Nós, do Ocidente, sempre colocamos e, todavia, continuamos a colocar a emoção, o afeto, a fantasia, o sentimento sadio e a nossa subjetividade de fé ardorosa abaixo da razão, com a finalidade de compreendermos antes de acreditarmos. É a construção patriarcal desta espiritualidade mariana que se derrama e se encontra em todos os tratados da teologia marcada pela maciça presença masculina, enquanto o nosso

povo invoca e conhece mais a Mãe de Jesus que o próprio Jesus, ele que assumiu a nossa condição humana em tudo, menos no pecado (cf. Fl 2,6-11). Pouco ou nada experimentamos ao fazer com que a razão passe pelo coração e este pela razão da fé afetiva que nos adentra no Mistério do Deus Bondoso e Infinito pela sua misericórdia.

Seguir Jesus a partir desta reflexão é tomar consciência de que o Espírito por primeiro nos precede em todas as coisas. É graça, é luz e compromisso sério aprofundar o feminino do Deus Trindade de relação e de amor, sobretudo para nós teólogas que sempre caminhamos pelos caminhos conhecidos de um masculino de Deus Pai sem fazer emergir d'ele o Deus Mãe que perpassa todo o Mistério divino.

Foi assim que Maria avançou na fé

Quando o Vaticano II afirma que Maria avançou no caminho da fé, seu propósito é o de nos fazer compreender que Maria começou sua caminhada de fé na pobreza, como cada um e cada uma de nós. É claro que essa espiritualidade a fez avançar na fé à medida que os fatos se apresentavam a ela como sinais de um Deus que quer se revelar a partir do nada para nos ensinar que a obra de sermos ou não pessoas de espiritualidade encarnada depende d'ele; conta, porém, com a nossa abertura de sabermos ler estes sinais que se apresentam a nós com uma linguagem que escapa à nossa realidade, mas que se estende sobre um futuro que confirma a direção do caminho empreendido.

Maria não viveu nem fez essa caminhada de fé sozinha. Ela era uma mulher casada que vivia a união profunda com José, seu esposo. Este viveu o mistério que se dava em Maria como homem justo e homem de fé. Quem poderia falar adequadamente e com conhecimento cordial daquilo que se passava dentro de José, que aos poucos foi assumindo ser o pai adotivo de um filho que lhe exigiu tempo e muita atenção ao mistério que ia se dando na sua mulher?

A Novena de Natal de 2013 dedicou o terceiro encontro ao homem justo, tendo como título “Mais forte que o

Ficaram dependentes da cristologia dos homens. Não descobriram ou não souberam articular a relação do Espírito Santo com o feminino e a função de Maria no mistério da salvação, aquela que nos mostra o rosto de Deus-Mãe de infinita ternura e compaixão. Essa omissão das teólogas acaba reforçando o já excessivo patriarcalismo e ‘masculinismo’ da Igreja hierárquica e retarda a luta plena pela libertação das mulheres na sociedade” (BOFF, L., *O Espírito Santo*, op. cit., p. 171).¹

Maria viveu uma espiritualidade encarnada, isto é, uma espiritualidade que deu de sua carne e da carne de seu filho como Filho de Deus a toda a humanidade. Maria explicitou as exigências e o sentido mais profundo do que significa assumir para ser a mãe do Salvador, quando a vimos atuante e inspiradora de tantas mulheres, as “Marias” de hoje, a encarnarem este Jesus que foi precedido pelo Espírito nas pessoas pobres e engolidas pela cultura global que as sufoca e mata dentro delas, e de cada uma, “as sementes do Verbo”. Mulheres e homens, ombro a ombro, são convocados a deixar que o Espírito tome forma no povo que invoca a Mulher que se deixou habitar por esse Espírito.

Seguir Jesus Cristo na sua caminhada histórica é buscar o sentido profundo e essencial de uma vida inteiramente doada na busca de interpretar a linguagem de Jesus ao fazer obras e gestos que nem sempre foram compreendidos na sua justa luz da vontade do Pai. A nossa missão de mulheres, hoje, é também pesquisar, ensinar e publicar na nossa linguagem e no nosso modo de falar de Deus e de seu Mistério de relação e de amor. Não basta lançar-se de corpo e alma na pastoral e nos projetos de vários objetivos, se continuarmos a viver na imitação de tudo o que já nos precedeu e já foi dito. Precisamos criar, assim como a Encarnação de Cristo começou a Nova Criação. Esta é a missão primária que não exclui as demais.

Trazendo para a nossa realidade

Dos Institutos de Religiosas e Religiosos que conhecemos é difícil encontrar aquele que não alimente sua inspiração

1. A partir do tempo que assumi o tratado de Mariologia, quase despercebido em várias Faculdades de Teologia, sempre pensei nesta questão que me parece bastante séria e que nós, mulheres, ainda não chegamos a articulá-la com profundidade e competência capazes de nos tornar visíveis e inteligíveis pela Novidade, sobretudo, do Mistério da Encarnação que se dá na Mulher, Maria de Nazaré. Nunca cheguei a discutir isso com o autor, mas nos encontramos no modo de pensar a teologia cordial que passa pela razão também feminina.

em Maria de Nazaré como Mãe de Jesus, e que não lhe preste o culto que aprendeu na família e aprofundou na sua Vida Religiosa de pessoa consagrada ao Senhor, crescendo e rezando junto com o Povo de Deus. Misturam-se aqui as devoções, como novenas, tríduos, festas dedicadas a Maria dos mil nomes e na tradição da Igreja Católica, o sábado dedicado à Virgem Maria, Mãe de Deus.

No Novo Testamento, no qual Maria é citada, explicitamente, várias vezes e em situações diferentes, a inspiração em Maria cultivada pelas religiosas e os religiosos parece tender sempre mais para aquilo que Maria suscita dentro de nós, nos pontos altos e baixos da caminhada de fé da sua vida terrena. Mas Maria não caiu do céu pronta nem caminhou sozinha; ela continuou na mesma caminhada de fé das mulheres e dos homens que a precederam a partir do Antigo Testamento. Estas mulheres e estes homens carregaram dentro de si a moção divina que os movia, a inspiração dos profetas, das Grandes Mães, como Eva, Agar e Sara; como as célebres Matriarcas Ulda e Fua, Judite e Ester, Rebeca e Ana, mãe de Samuel, que, junto com os Pais da Fé, nos deixaram suas experiências de encontro com o Mistério divino em sua caminhada, escritas por autores e, quem sabe, até mesmo autoras ainda desconhecidas pelas pesquisas dos estudiosos. O importante é que sejam experiências de fé que marcam a caminhada peregrina do povo de Deus.

Maria não prescinde desta inspiração bíblica que marca os sentimentos que ela viveu dentro de sua história muito concreta e a partir da linhagem de cada mulher que a precedeu e dos sentimentos e inspirações de toda a pessoa que carrega dentro dela a força do Espírito ao entrar nesta vida e viver em meio às suas vicissitudes.

As figuras bíblicas do Antigo Testamento não falam, explicitamente, de tal inspiração nem das emoções, afetos, evocações femininas que homens e mulheres do povo de Israel tivessem como propósito falar de uma mulher que vinha de Nazaré ou de qualquer outro lugar. Nós ousamos interpretar estas figuras no marco do Novo Testamento que tem como fundamento primeiro o Mistério da Encarnação

que se realiza no Sim de Maria, na vida e na pregação de seu filho Jesus, o qual enfrenta a paixão e morte que o levaram à Glória da Ressurreição. Maria nos trouxe aqui Ele que passou pela vida conturbada da humanidade, realizou o Projeto do Pai, passou pela morte de cruz para nos dar a vida em abundância, a vida do Pai, que enviou o Espírito que engravidou uma Mulher, o Filho que foi concebido antes pela fé do que pelo Sim de sua Mãe.

Neste ponto pode-se dizer que Maria, como Mulher que caminhou na fé, nos traz as origens desta fé em Javé do Antigo Testamento, porque ela também se inspirou na fé da Tradição de seu tempo, seja nas Grandes Mães, nas proféticas Matriarcas, nos Grandes Pais da Fé, que tantas mulheres geraram e nos profetas que moviam os sentimentos dos povos com suas palavras de esperança e entusiasmo, figuras as quais já nos referimos. Foi a história que Maria viveu e teceu com sua vivência e experiência de mulher peregrina que encarnava o Espírito que a habitava.

Ao tomarmos a sério este caminho dos homens e das mulheres que precederam Maria de Nazaré, encontramos um fio de ouro que nos une à fé destas pessoas todas e nos remete às suas ações em favor do povo, com a fé que Maria sintetiza, ou melhor, reúne no Cântico do *Magnificat*.

Maria frequentava o Templo e, ficando do lado das mulheres, prestava seu culto de louvor e súplica, segundo o costume do tempo. E fazia este louvor a seu Deus junto com as outras mulheres que tinham a mesma fé. A proclamação da Palavra de Javé era o ponto alto do culto do Templo. Quem pode duvidar que a mulher de Nazaré, como suas companheiras, amigas e comadres, não teriam seus grupos de reflexão da Palavra de Javé para além do Templo que elas frequentavam, como as nossas “Marias” de hoje? Sem esta interrogação bastante distante das narrativas do Novo Testamento, não daria para explicar a existência de tantas “Marias” da vida que se dedicam à evangelização nos dias de hoje? Será que basta o exemplo que arrasta sem as obras que o faz arrastar?

Esta é a nossa realidade de hoje: bela, sugestiva e ao mesmo tempo contraditória. Maria, provavelmente, viveu dentro de um contexto bastante parecido, porém, da sua época, e nos deixou um legado que ultrapassa os séculos, como diz Paulo VI na *Marialis Cultus*. Com estas duas últimas palavras, *paz e concórdia social*, Paulo VI queria falar da situação humana de todos os povos (cf. BOFF, Lina, *Mariologia: interpelações para a vida e para a fé*, Vozes, 2007, pp. 129ss). É o que as nossas mulheres de hoje vivem e realizam com sua dedicação ao chamado do Senhor. Desse modo realizam o Reino sem precedentes: enquanto os bispos, em Itaici – agora Aparecida –, decidem as grandes Linhas Pastorais da Igreja Brasileira, as nossas mulheres fazem acontecer e ultrapassar aquilo que os bispos pensam e programam realizar.

Essas mulheres buscam, no presente, o compromisso que os cristãos e as pessoas de boa vontade têm com a justa distribuição dos bens terrenos para todos igualmente; querem explicitar e afirmar que todos devem ter comida, educação, saúde e lazer como condição primeira de concórdia social; enfim, lutam para reafirmar a criação de um mundo no qual a violência cede espaço para o entendimento e o progresso humano e social, para que este chegue a todos através das relações de inclusão, igualdade e solidariedade.

É desse modo que a Comunidade de fé anuncia o Reino de Deus, ama a Igreja, Corpo Místico de Cristo, e traduz na prática, junto às pessoas empobrecidas e largadas à própria sorte, o amor que esta Comunidade alimenta para com Maria. É desse modo ainda que o povo torna explícito o conteúdo intrínseco de uma prática eclesial embutida na piedade filial e no culto capaz de renovar de maneira sadia formas e textos litúrgicos. Nesse sentido, Paulo VI dá algumas orientações na linha do ensino conciliar do Vaticano II, manifestado na *Marialis Cultus*, como as de ordem bíblica, litúrgica ecumênica e antropológica.

Como interpretar estas orientações

Antes de tudo, é bom lembrar que não se pode falar de Maria sem *partir do Novo Testamento* e de como este foi interpretado ao longo dos séculos. A necessidade de um cunho bíblico em toda a forma de culto é princípio e fato reconhecidos pela piedade cristã e também pela piedade mariana. Não falemos de Maria nem a ela nos dirijamos sem antes partirmos da Sagrada Escritura. A Bíblia é o nosso ponto de saída e de chegada para alimentarmos o nosso amor para com Maria e o culto que a ela queremos prestar.

Quanto às orientações de ordem litúrgica, Paulo VI recomenda a inspiração dada pela Constituição “Sobre a Sagrada Liturgia” (*Sacrosanctum Concilium*), que recomenda o seguinte: “... Importa ordenar as práticas de piedade tendo em conta os tempos litúrgicos, de maneira que se harmonizem com a Sagrada Liturgia, de certo modo derivem dela e a ela, que por sua natureza as supera, conduzam o povo cristão à essência do cristianismo” (SC 13).

Esta norma deve ser aplicada também no campo do culto à Virgem Santíssima, tão variado nas suas expressões culturais. Não se dispensa o tato pastoral e a constância, sobretudo no que diz respeito à tradição religiosa, sem empobrecer a experiência de fé comunitária. Nada deve ser desprezado ou interrompido, nenhuma ação ou atitude pastoral evangelizadora pode se dar o direito de descuidar ou deixar de lado certas práticas de piedade. Nada pode criar vazios, mas, se isso chegar a acontecer, os vazios e interrupções devem ser preenchidos de outra maneira sempre respeitosa e pedagógica.

Uma atuação pastoral esclarecida torna-se necessária e urgente: primeiro para distinguir e acentuar a natureza própria dos atos litúrgicos; e segundo para valorizar a piedade popular e adaptá-la às necessidades de cada comunidade eclesial, tornando-a uma preciosa auxiliar da própria Liturgia de toda a Igreja.

Ao falarmos das orientações de ordem Ecumênica, gostaríamos de trazer o exemplo de uma experiência que deve ser conhecida e acompanhada. Atualmente, está em curso uma experiência que se chama “O Grupo de Dombes”, fundado há mais de quarenta anos, e reúne teólogos e teólogas católicos e protestantes que buscam a comunhão entre as igrejas católica e as de

plataforma cristã, os nossos irmãos e irmãs evangélicos, sobretudo, as Comunidades da Igreja da Reforma. As reflexões feitas durante estas décadas têm como objetivo apresentar argumentos cruciais para o diálogo ecumênico.

O papel de Maria na História da salvação foi, sem dúvida, um argumento bastante controverso. Mas a seriedade e a honestidade do trabalho do *Grupo de Dombes* testemunham que é possível uma leitura comum da História e da Escritura. O Grupo se propõe a formular propostas para uma autêntica conversão eclesial que leve à unidade. Recomenda-se a tradução destas publicações pelas Editoras católicas. Não aconteceu ainda o interesse por esta tradução.

Em ordem às orientações de ordem antropológica constata-se que, na longa história da piedade mariana, esta não se liga aos esquemas representativos das várias épocas culturais, nem às particulares concepções antropológicas que as caracterizam. Mas reconhece que muitas expressões de culto não são adaptadas às necessidades e aos desejos de muitas sociedades e culturas dos nossos tempos (cf. MC 36). A esse respeito o documento de Paulo VI se pronuncia nestes termos: ... “A Virgem Maria foi sempre proposta pela Igreja à inspiração dos fiéis, não exatamente pelo tipo de vida que ela levou ou, menos ainda, por causa do ambiente sociocultural em que se desenrolou a sua existência, hoje superado quase por toda a parte. Mas sim porque, nas condições concretas de sua vida, ela aderiu total e responsavelmente à vontade de Deus (cf. Lc 1,38); porque soube acolher a sua palavra e pô-la em prática; porque a sua ação foi animada pela caridade e pelo espírito de serviço; e porque foi a primeira e fiel discípula de Cristo, que, naturalmente, tem um valor exemplar universal e permanente” (cf. MC 35).

Finalmente, Paulo VI propõe a Mulher do *Magnificat* como ícone para a mulher contemporânea que, ainda hoje, busca seu lugar como chamada pelo Senhor a construir uma Igreja inclusiva. Se isso acontecer, a mulher de hoje **contemplará** Maria como aquela que deu seu consentimento, não para solucionar um problema contingente, mas para a obra dos séculos, como foi designada com justiça a Encarnação do Verbo; **dar-se-á conta** de que a escolha do estado virginal não foi um ato de fechamento aos valores do estado matrimonial, mas constitui uma opção corajosa de total

consagração à obra divina; **verificará** que Maria, longe de ser uma Mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi sim uma Mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba os poderosos do mundo de seus tronos; **reconhecerá em Maria a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor**, uma Mulher forte que conheceu a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio, situações que exigem energias libertadoras de toda a pessoa e da sociedade; **descobrirá em Maria a Mulher que favoreceu a fé da comunidade apostólica em Cristo** (cf. Jo 2,1-12), sua maternidade se dilatou, vindo a assumir no Calvário dimensões universais (cf. MC 37).

Paulo VI faz isso em torno de dez anos depois da celebração do Concílio Ecumênico, para resgatar aquilo que se deixou de lado, até mesmo pelos grandes teólogos que assessoraram o evento do Concílio, celebrado de 1962 a 1965. Não nos esqueçamos dos nossos insucessos para que tenhamos grandes sucessos missionários e apostólicos daqui por diante, sem excluir, mas integrar para que vivamos sempre mais a essência da nossa fé que se faz presente no meio de nós no Mistério da Encarnação.

Sintetizando o que se disse

Com o Mistério da Encarnação completa-se o tempo trazido por Maria. Maria avançou no caminho da fé com a vida simples que viveu e a chegada deste tempo pleno atraiu para si, com sua abertura à vontade do Pai, o Espírito que a engravidou. Este chegou antes que Jesus para santificar tudo o que Jesus devia recriar e restaurar. Foi desse jeito que Maria avançou no caminho da fé. Inspirar-se nesta caminhada de fé é criar uma espiritualidade que se encarna em todas as culturas.

Essa espiritualidade e esse avanço no caminho da fé no Mistério da Encarnação são feitos ombro a ombro. Daí o significado da presença de José em tal processo. E ousaria dizer mais: ombro a ombro com as mulheres que lhe eram mais próximas, como se pode constatar em todo o Novo Testamento. Na nossa CLAR, nas nossas CRBs e também na União Internacional dos Superiores Gerais (UISG), nos apresentamos todos e todas juntinhos como se a comunhão

entre nós já tivesse alcançado quase a sua plenitude. Mas na hora de colocar a mão na massa da evangelização e arregaçar as mangas das nossas roupas para a pastoral de todo o tipo, prevalece ainda o clericalismo dentro da vida religiosa. Por isso, aconselho a todas e a todos lerem o que o Papa Francisco falou há pouco a toda a UISG, em novembro, de Roma. Esta, me parece, é a nossa realidade de hoje que se prolonga, não obstante os esforços de renovação. Por isso, rezemos:

Santa Maria, mulher humilde e pobre, bendita do Altíssimo, salve!
Virgem da esperança, profecia dos novos tempos, une ao teu canto as nossas vozes
e acompanha-nos em nosso caminho, para que anunciemos a vinda do Reino
e a total libertação do ser humano.
Levando Cristo aos povos e realizando com eles uma profunda comunhão de amor,
glorificaremos a misericórdia do Senhor
e cantaremos as alegrias da vida e da salvação.
Virgem, Arca da nova Aliança, primícia da Igreja,
acolhe as súplicas dos teus Servos e Servas!

(Livro de orações da Ordem dos Servos de Maria)

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que virtudes de Nossa Senhora são essenciais para revitalizar a Vida Religiosa?
2. Que virtudes de Nossa Senhora são essenciais para combater a atual crise social e ambiental?
3. É coerente dizer que Nossa Senhora é uma mulher atual, essencial para o nosso tempo?

A presença evangelizadora da Vida Consagrada no mundo universitário

IR. VALENTINA STILO*

Ao observar a complexa realidade do planeta que habito, sinto-me como quando eu era criança e contemplava o suceder de manchas coloridas através de um caleidoscópio. Percebo a multiplicidade e a dinamicidade dos seus elementos, porém, diferentemente de quando eu era pequena, a minha mão não tem o poder de parar o caleidoscópio para examinar cada projeção. O movimento continua. Continua o emaranhado da história coletiva e pessoal, continua a surpresa perante o desconhecido, seguida de muitas outras reações.

Perante a experiência de mulher consagrada, chamada à evangelização do mundo universitário, deixei-me interpelar pelas muitas perguntas suscitadas do meu próprio trabalho missionário. Tentei parar o movimento pela força das perguntas. Que sentido tem “evangelizar”? Que sentido tem evangelizar a Universidade? Que sentido tem evangelizar a Universidade como mulher consagrada?

Partindo destas perguntas, a presente reflexão propõe-se observar a beleza desafiante da evangelização, do mundo universitário e da Vida Consagrada que o evangeliza, para deixar que tal beleza evoque algumas possíveis interpretações.

Que sentido tem evangelizar?

O que é evangelização e por que falar, como acontece ultimamente, de “nova evangelização”?

Em um pequeno livro intitulado *Christian at the Crossroads* [Cristãos em Encruzilhadas], Karl Rahner, depois de ter

respondido a perguntas fundamentais como “o que é o ser humano?”, “por que eu sou cristão?” etc., pergunta-se: “o que é evangelização?”¹ Ao tecer sua definição de evangelização, ele amarra o fio do pensamento à história. Estamos nos anos 1970 e Rahner lembra que nos documentos do Concílio Vaticano II, acontecido poucos anos antes, as palavras *evangelizatio/evangelizare* aparecem 40 vezes. O teólogo alemão continua dizendo que, ainda assim, essa palavra faz parte mais do vocabulário das Igrejas protestantes e evangélicas do que da católica.

Afortunadamente, podemos reconhecer que a preocupação dos Padres Conciliares com a evangelização não permaneceu só no papel. Hoje, a expressão “Nova Evangelização” se tornou um refrão frequente nos documentos magisteriais e nos programas pastorais das Igrejas locais.

Rahner, após a sua sutil e profética puxada de orelha, explica que a evangelização é a “sempre nova proclamação do Evangelho de Jesus crucificado e ressuscitado como o compromisso de Deus comunicar a *si mesmo* em perdão e ‘divinização’ no Espírito (ele mesmo como força no caminho e finalidade da vida)...”² A proclamação do *kerigma*, a razão mais antiga de existir da Igreja,³ *Eklesia*, comunidade de convocados a caminho, seria algo sempre novo e esta novidade abrangeria todos e todas, cristãos e não cristãos. É nova porque dirigida aos não cristãos na missão e é nova para os mesmos cristãos chamados a “tornarem-se cristãos” continuamente nos contextos sociais em que vivem.⁴

Quem mora em países frios e úmidos conhece muito bem a importância de um bom sistema de circulação do ar no carro. Sem isso, devido à condensação do vapor, os vidros do veículo, em lugar de permitirem a visibilidade, tornam-se um obstáculo. Um carro assim será dirigido com muita dificuldade.

A experiência do dia a dia nos mostra como não é suficiente ter “bons veículos” para alcançar nossos objetivos; esses veículos têm que ser adaptáveis às circunstâncias. As mediações, os instrumentos que por séculos facilitaram a visibilidade da Boa-Nova por meio da estrutura, das linguagens

* **Valentina Stilo**, italiana, é consagrada e membro da Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD). Estudou Psicologia em Roma, onde conheceu a FMVD e começou sua experiência pastoral na Universidade. Viveu no México, onde fez seu noviciado e trabalhou na animação pastoral de jovens e mulheres. No Brasil, Belo Horizonte, se graduou em Teologia pela FAJE e apoiou a Pastoral na Universidade da PUC Minas. Atualmente mora em Southampton, Reino Unido, e dedica-se ao trabalho pastoral na Universidade e com os emigrantes de língua portuguesa.

1. Cf. K. RAHNER. *Christian at the Crossroads*. London: Burns & Oates, 1975, pp. 40-41.

2. Cf. *ibidem*, p. 40.

3. Como lembra o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG) (n. 17), é a Igreja Povo de Deus o sujeito da evangelização e não só umas poucas pessoas seletas para isso.

4. Cf. K. RAHNER. *Op. cit.* p. 40.

5. Cf. M. DE FRANÇA MIRANDA. Perspectiva teológica. Belo Horizonte, jan./abr. 2013, ano 45, n. 125, p. 13-34.

6. “Lembremo-nos de que ‘a expressão da verdade pode ser multiforme. E a renovação das formas de expressão torna-se necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável’” (EG n. 41).

7. Cf. PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 129. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.html>. Acesso em: 28/01/2014.

8. Entende-se por âmbito universitário “o conjunto das relações que envolvem as Instituições de Ensino Superior (IESs)”. Nessa expressão incluem-se

e da maneira de a Igreja se mover na história, parecem não funcionar ou até dificultar o nosso andar no meio do mundo. O perigo iminente é a imobilidade. Por isso, precisamos de uma renovação do nosso modo de caminhar na história e de comunicar-nos.

Como bem nos lembra França Miranda,⁵ ao falar de Nova Evangelização, não nos referimos a uma novidade do conteúdo, mas da maneira com que ele é dito, vivido, partilhado. Um novo jeito de comunicar a fé se faz, portanto, necessário numa sociedade em constante transformação.⁶ O batizado, “forçado” a reformular a fé, no momento em que ela parece não mais responder à própria experiência de vida e às dúvidas alheias, tem a possibilidade de voltar à raiz: o encontro com Cristo, e, daí, redescobrir a beleza e a unicidade da Encarnação da Palavra na sua própria carne.

Ao mesmo tempo, poderíamos acrescentar que a novidade da evangelização está na maneira criativa com que a Boa-Nova, encontrando-se com a nossa realidade histórica, a integra, a unifica, revelando-lhe seu sentido mais profundo. A novidade dos contextos, ao estimular novos meios de evangelização, gera novos “efeitos”, respostas novas que enriquecem nossa captação e vivência do Evangelho.

Que sentido tem a evangelização na Universidade?

“O que se deve procurar é que a pregação do Evangelho, expressa com categorias próprias da cultura onde é anunciada, provoque uma nova síntese com essa cultura.”⁷

Pode-se considerar a Universidade⁸ uma “cultura cuja especificidade gravita ao redor da pesquisa e da produção do saber”. Segundo a Magna Carta das Universidades Europeias,⁹ a tarefa principal desta instituição é “difundir o conhecimento” a fim de “assegurar às gerações futuras uma educação e uma formação capazes de contribuir a respeito dos grandes equilíbrios do ambiente natural e da vida”.¹⁰

Obviamente, para difundir conhecimento, a Universidade precisa produzi-lo. A produção do saber inclui a custódia

da tradição, entendida como o conjunto dos saberes e das metodologias já adquiridos, e a exploração de novos horizontes. Esse dinamismo faz da Universidade “o lugar da pergunta, da reflexão e da busca de sentido”,¹¹ em que a independência moral e intelectual de outras instituições é considerada um valor fundamental.¹²

Elemento imprescindível da dinâmica universitária é a permeabilidade entre pesquisa e ensino: o fruto da pesquisa deveria ser oferecido às novas gerações que, assim alimentadas, contribuiriam, por sua vez, ao desenvolvimento da mesma pesquisa e da sociedade. Tudo isso implicaria um constante diálogo entre a Universidade e a sociedade.

O que a Universidade “cultiva” é, portanto, a cultura mesma. Porém, ao mesmo tempo, as sementes que a Universidade usa chegam da cultura em que ela está inserida. Desse ponto de vista, a Universidade é o espelho/produto da miscelânea cultural chamada globalização. Seus membros habitam uma “sociedade-mundo”,¹³ isto é, numa realidade hipercomplexa onde convivem pluralismo e dogmatismo, relativismo e fundamentalismo, crescente reivindicação dos direitos humanos e persistência das diferentes formas de opressão dos mesmos, difusão das informações e manipulação, individualismo e busca de agregação pelas redes sociais etc. A presente hipercomplexidade esconde caminhos de humanização e rotas de desumanização, às vezes tão misturadas entre si que o discernimento se torna difícil.

Os recentes acontecimentos falam-nos da positividade do crescente valor do sujeito e da comunicação. Na capacidade de mobilização, que encontra um canal rápido e eficaz nas redes sociais de relacionamento, o indivíduo se reconhece “conectado”, parte da comunidade humana, capaz de levantar a voz e defender os próprios direitos. “O anseio por conexão global é também um anseio por comunhão.”¹⁴ Por outro lado, essa mesma rapidez conduz, amiúde, rumo a uma fragmentação da mesma comunicação, empobrecida em profundidade. O indivíduo experimenta uma identidade polifacetada e a múltipla pertença. A contínua conexão, mais que engajamento político, aparece, muitas vezes, como a satisfação compulsiva de companhia, da necessidade de

as instituições, com seus membros (docentes, discentes e corpo administrativo) e a cultura acadêmica em geral com tudo que ela gera (produções, ideias e saberes) (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. O seguimento de Jesus Cristo e a ação evangelizadora do âmbito universitário. Brasília: Edições CNBB, 2013. (Estudos da CNBB, 102, n. 2.)

9. Cf. The Magna Carta of the European Universities, Bologna, Italy, 18 September 1988, “Fundamental Principles”.

10. Ibidem, n. 3.

11. Cf. CONFERENCE NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Op. cit., n. 4.

12. Cf. The Magna Carta of the European Universities. Op. cit., n. 1.

13. Cf. C. DOTOLO, B. DE MARCHI. Uno spaccato del tempo presente.

In ascolto della contemporaneità. In: FERNANDO ZOLLI (org.). *Essere missione oggi*. Verso un nuovo immaginario missionario. Bologna: Emi, 2012, p. 21- 38.

14. DOCUMENTO PRELIMINAR PARA A ANÁLISE E CONTRIBUIÇÕES DIVERSAS (p. 12). Disponível em: <<http://www.cabb.org.br/component/docman/download/1257-documento-para-analise-e-contribuicoes-diversas-encontro-nacional-da-acao-evangelizadora>>. Acesso em: 28/01/2014.

15. Cf. C. DOTOLLO, B. DE MARCHI. Op. cit., p. 31.

16. *Ibidem*, p. 30.

17. DOCUMENTO PRELIMINAR PARA A ANÁLISE E CONTRIBUIÇÕES DIVERSAS. Op. cit., p. 13.

18. *Ibidem*, p. 15.

calar uma profunda solidão existencial.¹⁵ Cresce a exigência de uma lógica tecnocrática que impõe eficácia, constante transformação e otimização da realidade com a consequente hipervalorização do que no humano é forte e útil.¹⁶ Além disso, nem todos são conscientes dos poderes e interesses econômicos que movem a sociedade; muitos não têm acesso nem à rede, nem à educação, nem às mínimas condições para viver. O mercado liberal continua decidindo os equívocos da humanidade em detrimento dos mais fracos. À valorização da pessoa acompanha-se a opressão da mesma.

A Universidade, como cultura na cultura, ou cultura fecundada pela cultura e fecundante das culturas, bebe destas mudanças. Entre os aspectos salientes das Universidades Brasileiras (e não somente Brasileiras!), hoje encontramos, de fato, a fragmentação e a comercialização dos saberes. O Ensino Superior no Brasil carrega ainda a grande contradição da elitização: quem se beneficia de melhores condições econômicas tem mais acesso ao ensino superior público de qualidade e “custa” ao governo muito mais que os cursos particulares.¹⁷ O resultado é o veloz crescimento do setor privado no Ensino Superior e a presença de muitos estudantes que cursam instituições não aprovadas pelos critérios de avaliação.¹⁸

A consequência da invasão do mercado e da lógica da concorrência na educação levanta uma grande dúvida com respeito à identidade da Universidade: será esta instituição capaz de formar seres humanos a fim de contribuir ao desenvolvimento integral da sociedade ou formará “robôs especializados”, técnicos efficientíssimos, hábeis em responder às exigências do mercado, mas incapazes de relacionar as próprias competências com a realidade social, suas necessidades, suas lacunas e possibilidades?

Como a evangelização pode favorecer o desenvolvimento pleno da vocação da Universidade à integração da cultura, em direção a uma progressiva humanização? Como a porção do povo de Deus, que encontra na Universidade o próprio lugar de trabalho e missão, pode promover e facilitar este caminho?

Ao aprofundar a importância do anúncio do Evangelho às culturas científica, profissional e acadêmica, Papa Francisco¹⁹ retoma a atitude positiva e dialogante ante a realidade própria do Concílio Vaticano II. Referindo-se a um antigo princípio teológico sobre a “maneira de funcionar” da Salvação/Redenção – só o que for assumido pode ser redimido –, ele aponta a necessidade de “assumir” essas culturas, pois, dessa forma, elas se tornarão “instrumento do Espírito para iluminar e renovar o mundo”.²⁰ Tal perspectiva resgata-nos de pessimismos destrutivos que só servem para imobilizar-nos e esmorecer nossa criatividade.

Primeira “tarefa” do cristão no mundo universitário é reconhecer-se parte deste mundo, conhecê-lo em profundidade e valorizar sua beleza e suas possibilidades. Existe, portanto, algo fundamental que precede e impregna qualquer atividade evangelizadora: a consciência do valor da identidade-vocação a ser encarnação viva da Palavra de Deus no contexto universitário, percebido como o lugar o(n)7.4(3.226 0(3.22))TJ0.174

205-9715(T)-3225(g)45148(t)-38(i)-3.26((d)48.32's)-70.5ENrNiOeS BaBgOeS I

Desde aí se promove “um mundo mais justo e solidário para todos”²³ através de projetos concretos.

O Documento da CNBB sobre “O Seguimento de Jesus Cristo e a Ação Evangelizadora do Âmbito Universitário” tenta responder à pergunta fundamental: “Como ser presença eclesial neste contexto tão singular?”. Após ter-nos introduzido na especificidade da partilha da Boa-Nova nesse meio e das várias formas de ação evangelizadora aí existentes, o texto conduz-nos a aprofundar as facetas de tal peculiaridade. Considerando a centralidade do chamado a seguir Jesus Cristo (discipulado) e a viver sua mesma missão,²⁴ o Documento volta constantemente a essa dupla dimensão da vocação cristã. Especifica-se o “como” deste dinamismo no âmbito universitário tocando em alguns aspectos fundamentais:²⁵ a) o discípulo-missionário na Universidade, partindo do encontro com Ele, é especialmente aberto às dúvidas e às questões que surgem da dialética fé-razão, tradição-novidade/pesquisa, conhecido-desconhecido; b) a capacidade de enfrentar tais dúvidas sem medo, por um lado, o dispõe ao diálogo e o abre à revelação do Belo e do Bom na realidade ao seu redor; e, por outro, permite-lhe abraçar o desafio da construção de pontes entre a ciência e a tradição cristã em vista de uma plena humanização da sociedade; c) uma constante atenção à formação no discipulado e na missão conduz a pôr no centro a vivência da oração e dos sacramentos e abre ao ecumenismo.²⁶

Sintetizando, o discípulo-missionário no âmbito universitário, reconhecendo-se parte deste mundo, é chamado primeiramente a abraçá-lo e a descobrir Deus no âmbito universitário. Ele/ela partilha a vocação de todos os seguidores de Jesus Cristo: ser sal da terra e luz (Mt 5,13-14), fermento no mundo (Mt 13,33), a partir do encontro com Aquele que é sal, luz e fermento da experiência humana; ao mesmo tempo ele/ela responde ao chamado à Universidade, entendida como “pastoral de fronteira”,²⁷ “especializando-se” na abertura à dúvida, à pergunta, ao diálogo, na reflexão em vista da construção de uma sociedade mais justa.

23. Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Op. cit., n. 6.

24. O texto, neste sentido, faz repetidamente referência ao Documento de Aparecida.

25. O Documento fala de 6 maneiras de ser e atuar do discípulo-missionário na Universidade: a prioridade do encontro com Cristo (nn. 15-18), a acolhida dos questionamentos e das dúvidas (nn. 19-22), o dar testemunho no diálogo com o outro (nn. 23-24), a busca do diálogo e da convergência entre fé e razão (nn. 25-31), o fazer experiência da oração e dos sacramentos (nn. 32-40), a vivência do Ecumenismo (nn. 41-43).

26. Ibidem, nn. 32-43.

27. Ibidem, n. 5.

Que sentido tem evangelizar a Universidade como consagrada/o?

Voltemos, agora, à pergunta que desencadeou a presente reflexão: que sentido tem para os/as consagrados/as serem evangelizadores na Universidade? Possui a Vida Consagrada (VC) algo específico a oferecer neste âmbito?

Para responder a esta pergunta precisamos relembrar os elementos fundamentais da vocação consagrada para depois descobrir se e como esses elementos respondem às exigências da evangelização do mundo universitário.

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*, fruto de um debate dedicado à renovação da VC no mundo contemporâneo, volta às raízes de tal vocação mostrando suas repercussões na Igreja e na realidade em geral. A VC é “confissão da Trindade”, resposta totalizante à iniciativa do Pai num “desejo explícito de conformação total”²⁸ ao Filho pela ação do Espírito Santo. A profissão dos conselhos evangélicos expressa o dom recebido que se transforma em dom oferecido numa existência oblativa. Este mesmo jeito de ser, antes de qualquer fazer, “torna-se um dos rostos concretos que a Trindade deixa na história, para que os homens possam sentir o encanto e a saudade da beleza divina”.²⁹ A VC vive nesta história e não fora do mundo, e sente as suas crises. A profundidade do seu ideal defronta-se com as mesmas questões que a sociedade produz e às quais tenta responder. Daí as crises *ad intra* em termos de vivência dos votos e de adesão das novas gerações e *ad extra* em termos de incidência na Igreja e no mundo.

T. Radcliffe³⁰ não tem medo de formular as mais duras perguntas com respeito ao sentido e ao futuro da VC, reconhecendo que, pelo menos nos países ocidentais, a crise de identidade que a VC experimenta coloca-a em comunhão com a sociedade em que ela vive.³¹ Longe de ser um problema ou algo a ser resolvido com pressa, perguntar-nos “quem sou eu?”, às vezes intelectualmente, outras vezes “com as entranhas”, pode nos aproximar dos irmãos e irmãs que vivem o drama desta crise.

28. JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Vita Consecrata*, n. 18. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jpii_exh_25031996_vita-consecrata_po.html>. Acesso em: 28/01/2014.

29. Ibidem, n. 20.

30. O autor dominicano, ex-superior geral da Ordem dos Pregadores e homem com uma profunda experiência de vida acadêmica e pastoral na Universidade, no livro titulado *Sing a New Song* [Cantar um Canto Novo], oferece uma estimulante contribuição à reflexão sobre a VC.

31. T. RADCLIFFE. *Sing a New Song: the Christian vocation*. Dublin: Dominican Publication, 1999, p. 192.

Radcliffe situa a VC contemporânea no complexo mundo das relações de mercado pelas quais tudo tem que ter um lucro. Consequentemente, as mesmas ideias de vocação ou profissão tornam-se obsoletas: o que importa é a função que o indivíduo exerce num momento específico para um fim específico. Isto nos lembra de um dos maiores desafios que a Universidade hoje enfrenta: a comercialização do saber cultivado se ele “servir” para algo, sendo este “algo”, muitas vezes, o interesse de uns poucos. Como a VC vive e responde a este desafio?

A vocação à VC diz respeito à narrativa fundamental da vida humana segundo a nossa fé: a resposta a um chamado. “Cada vida humana é a resposta ao chamado por parte de Deus a partilhar a vida da Trindade. Eu descubro quem eu sou respondendo a este chamado.”³² Não só a profissão, mas a vida mesma, a mesma identidade humana são vocações porque vêm de Outro como chamado-dom. A especificidade da resposta da VC está na radicalidade da recepção deste dom. Em outras palavras, se o ser humano hoje se pergunta quem é, oprimido pela lógica do ter e do fazer, os consagrados, diante da mesma pergunta, descobrem que a resposta não vem do fazer, mas da relação com o Outro pelos outros, uma relação sem preço, gratuita e que abre à gratuidade. Esta resposta não diz só respeito à VC, mas ao ser humano em geral. A VC, que se pergunta sobre a especificidade da própria identidade em tempos de crise, reconhece que tal especificidade está na sua universalidade. O que os consagrados querem viver como resposta a um chamado é vocação para todo ser humano à lógica do dom (ser filho/a amado/a) e da gratuidade (sermos irmãos). Isso acentua o sentido da nossa presença na Universidade.

Se a razão de existir da Universidade for produção e a difusão do saber para o bem da humanidade, e se essa busca consistir no esforço de alcançar o maior bem para todos; se a honestidade intelectual nos levar a descobrir que só é possível visar ao “bem maior” como fruto do diálogo e da abertura ao que não pode ser domínio de poucos, a presença do consagrado/a neste contexto pode ser: memória da pergunta a respeito do que é essencial no humano (esta

32. *Ibidem*, p. 197.

vocação a ser filho e irmão); memória da pergunta a respeito da identidade atrás da função (da resposta a esta vocação dependerá a ação); chamado a descobrir uma verdade que se dá como consequência da relação gratuita com o outro e como exercício da liberdade (relações fraternas).

Ao mesmo tempo, a imersão no mundo universitário, porção condensada da sociedade, alimenta a identidade e o crescimento do/a consagrado/a nele engajado/a porque o/a obriga a observar a realidade a partir de um ponto de vista “periférico”. A Universidade, como vimos, é o espaço da pergunta, da dúvida que nos impele a sair do centro das nossas seguranças³³ e aprender a repensar o mundo a partir das suas fronteiras.³⁴ Repensar o mundo implica também repensar o lugar da VC nele e o lugar da minha vocação pessoal. Essa constante saída de si e das próprias seguranças volta como contribuição à ação evangelizadora da Universidade: facilita uma postura de escuta da realidade fronteiriça na qual trabalhamos, “evitando a tentação de domesticá-la”³⁵ e fazendo-nos educadores à acolhida; aponta a um movimento – o diálogo entre diferentes pontos de vista – que purifica a reflexão e a pesquisa “do centralismo e das abordagens ideológicas”,³⁶ fazendo-nos educadores ao diálogo.

Se o mundo universitário é reflexo não só do positivo dinamismo da pergunta e da beleza do progresso, mas também dos interesses desumanizantes da realidade-mercado na qual está inserido, a VC está nele chamada a professar outros valores. Essa profissão é profecia do Reino, anunciada pela maneira específica na qual o/a consagrado/a se diz cristão/cristã: pela profissão dos votos de castidade, pobreza e obediência. Os consagrados deixam tudo, estando dispostos a entregar o que normalmente é signo de identidade (conta em banco, companheiro/a, carreira etc.), expondo-se ao constante questionamento sobre a própria identidade, para dizer que a identidade humana é dom oferecido no tempo e aventura em direção à eternidade.³⁷ Essa “eternidade” não está fora do mundo, mas o penetra e o transfigura. Pelos votos os consagrados vivem “num mundo alternativo oferecido aos contemporâneos como real possibilidade histórica”.³⁸

33. Cf. A. SPADARO. “Svegliate il mondo!” Colloquio di Papa Francesco con i Superiori Generali. *Civiltà Cattolica*, Gennaio 2014, 3925, I, p. 4.34. O mesmo Papa Francesco, falando das fronteiras da missão aos Superiores Gerais das congregações religiosas, cita também o mundo da educação e da cultura entre eles (incluindo a Universidade) e convida os consagrados a sair em direção daquelas fronteiras (cf. *ibidem*, p. 14).35. Incontro di Papa Francesco con i Superiori Generali USG. Disponível em: <http://vd.pcn.net/it/index.php?option=com_content&view=article&id=1748:il-dialogo-di-papa-francesco-con-i-superiori-generalis-usg&catid=38:vita-consacrata&Itemid=49>. Acesso em: 10/02/2014.36. Cf. A. SPADARO. *Op. cit.*, p. 4.

O voto de castidade aponta à acolhida do desafio da inclusão. Concentrando o nosso amor em Deus, longe de fazer desta relação exclusiva uma desculpa para a fuga das relações com os outros, vivemos este amor como lugar de purificação da nossa tendência a excluir em conformidade aos nossos gostos ou ideologias. Aprendendo a ser casto/a o/a consagrado/a aprende a incluir no próprio coração todos os filhos e filhas de Deus sem exceção. Essa aprendizagem se faz profecia na Universidade porque chama ao crescimento de um saber que seja inclusivo e fruto do diálogo e à aproximação entre pessoas provenientes de estratos sociais diferentes que vivem e trabalham na universidade (professores, estudantes, funcionários de qualquer tipo...), para a criação de comunidades verdadeiramente eclesiais no seio da Instituição.

O voto de pobreza reflete o desejo de viver uma existência confiada na Providência que se concretiza numa economia solidária. O/a consagrado/a aprende a não apropriar-se dos bens materiais, a não possuir nada, quando aprende a confiar numa comunidade que põe tudo em comum.³⁹ Esse caminho de desapropriação do que é meu para abraçar o nosso questiona os critérios de discernimento sobre os quais as Instituições de Ensino Superior baseiam as opções de gerenciamento dos recursos humanos e materiais: o que dirige essas opções, o bem-estar de poucos ou uma real atenção ao bem comum? Como consagrados que renunciam ao possuir para ter tudo em comum, estamos chamados a acompanhar pessoas e comunidades no pensar e construir alternativas reais, justas e fraternas para a gestão das coisas e dos saberes.

O voto de obediência expressa o chamado a viver o poder pessoal “com e para os outros, nunca contra ou sobre eles”,⁴⁰ numa constante busca da vontade de Deus. Isso libera o/a consagrado/a do carreirismo e do autoritarismo e o/a faz sinal de um modo novo de viver os dons pessoais: em favor dos irmãos. T. Radcliffe,⁴¹ ao contar sua experiência de capelão universitário, diz como o seu papel na Universidade era de ser aquele sem papel! Este “não ter uma carreira”, um título que defina o nosso lugar como agentes da evangelização na Universidade, faz-nos signo do único lugar a partir do qual carreira, título, autoridade têm sentido: o discipulado. Na

perspectiva do discípulo, a realização profissional, além de ser aquisição de poder pessoal, é uma maneira para escutar mais a fundo e servir melhor o Mestre nos irmãos.

Tem a VC algo a oferecer à Universidade? Na assunção da própria crise de identidade e na descoberta da vocação-identidade como dom recebido, a VC tem algo a dizer ao ser humano. Pela profissão dos votos, os consagrados falam de um modo alternativo de viver o mundo e no mundo, chamando a Universidade à acolhida, ao diálogo, à partilha e ao discernimento do que mais humanize o saber e a sociedade.

Conclusão

Tentamos reconhecer o sentido de nossa vocação: partindo do chamado geral à Nova Evangelização, concentramo-nos no chamado específico a ser signos da novidade do Evangelho na Universidade para, finalmente, debruçarmo-nos na peculiaridade da presença da VC no mundo do saber. Neste caminho, as crises sociais, da educação e da VC não foram percebidas como um problema, mas como possibilidade de crescimento e oportunidade de novos modos de entender e viver o seguimento a Jesus Cristo. A imersão na complexidade da experiência evangelizadora da VC na Universidade pode gerar medo ou maravilha, desilusão ou o profundo desejo de deixar-nos evangelizar pela realidade que quere-

A saúde existencial e a Vida Religiosa

Algumas reflexões*

DR. ÊNIO BRITO PINTO**

* Este texto é inspirado em palestra proferida no 9ª CONAGE, em Aparecida, SP, em outubro de 2013.

** Ênio Brito

Pinto é psicólogo e psicopedagogo; mestre e doutor em Ciências da Religião e pós-doutor em Psicologia Clínica; psicoterapeuta; é professor em institutos de Gestalt-terapia no Brasil. É membro do ITA, o “Instituto Terapêutico Acolher”, especializado no atendimento na área da psicologia para pessoas e instituições de vida religiosa. Possui livros e artigos de livros publicados nas áreas de psicoterapia, sexualidade e de psicologia da religião, destacando-se: *Sexualidade: um bate-papo com o psicólogo* (Paulinas), *Psicoterapia de curta duração na abordagem gestáltica: elementos para a prática clínica* (Summus) e *Os padres em psicoterapia: esclarecendo*

Introdução

Uma boa vida religiosa tem, ou deveria ter, como uma de suas mais importantes prerrogativas a saúde da pessoa religiosa, isto é, antes de cuidar das questões relativas à paróquia ou à casa religiosa ou aos fiéis, é necessário que a pessoa religiosa cuide de si, norteie de um jeito saudável a própria vida para que possa se colocar de maneira cada vez mais vívida e presente em seu caminho existencial e religioso.

A proposta deste artigo é levantar sumariamente alguns critérios básicos a partir dos quais a pessoa possa verificar como cuida de si no que se refere à saúde existencial. O que espero é que, a partir deste diálogo, a pessoa religiosa possa buscar ações através das quais se aproprie do que está bem e aprimore esses aspectos, além de se abrir para possíveis mudanças em aspectos de si que precisam de mais atenção, cuidado e atualização. Essa expectativa gera uma proposta que coloco já desde o início. Todo autor sabe que qualquer texto tem ao menos dois autores, quem escreve e quem lê; todo autor sabe que ao escrever um artigo tem que eleger o que gostaria de dizer, pois os artigos sempre têm menos espaço do que gostaria a criatividade do autor. Este artigo não é diferente nestes aspectos, de forma que decidi, ao escrevê-lo, compreendê-lo como sendo apenas a primeira parte de um artigo mais amplo. Dessa forma, me atarei aqui à primeira parte do título, a saúde existencial, confiando em que as pessoas de Vida Consagrada que o lerem comporão, como coautores, a associação das ideias que levanto com o

seu cotidiano na vida religiosa, fazendo, assim, a segunda parte do título do artigo. Peço, então, às pessoas de Vida Consagrada que quiserem se manifestar a respeito do que desenvolvo aqui, especialmente da aplicabilidade, ou não, desses conceitos à vida religiosa, que me mandem *e-mails* com comentários do vivido ao ler este texto e das reflexões suscitadas por ele. Pretendo, a partir dos *e-mails* recebidos, escrever um novo artigo sobre este tema, dessa vez a dezenas ou centenas de mãos, a depender da quantidade de respostas recebidas. Peço também às pessoas que quiserem escrever que digam se poderei citá-las no artigo que escreverei, ou se preferem permanecer anônimas. Meu e-mail está no início deste artigo.

A visão de ser humano e a saúde existencial

Uma questão que passa despercebida para a maioria das pessoas que não são da área é o fato de que a psicologia não é una. Desse modo, sempre que se lê um texto ou uma notícia que envolve uma análise psicológica de algum evento ou fenômeno é importante que se pergunte de onde esse especialista fala, para que se possa compreender as linhas e as entrelinhas do que ele fala. Nas entrelinhas da fala de todo profissional da área *psi* (psicologia, psiquiatria, psicopedagogia, psiconeurologia etc.) está a visão de ser humano que embasa sua maneira de compreender o fenômeno colocado em questão. Isso não é diferente para este texto, de forma que quero iniciá-lo explicitando que visão de ser humano fundamenta minhas reflexões.

Grosso modo, há na área *psi* três grandes visões de homem: a psicanalítica, a fenomenológica e a comportamentalista, e cada uma delas vai compreender de maneira diferente o que pode ser chamado de saudável ou de patológico, e cada uma delas vai propor diferentes caminhos para os processos terapêuticos derivados dessas concepções de saúde e de adoecimento. Essas três grandes áreas não são de todo diferentes ou divergentes; guardam também semelhanças e aproximações.

singularidades (Ed. Ideias e Letras). É organizador do livro *Gestalt-terapia: encontros* (IGSP). Participa de grupo de pesquisa no Núcleo de Ciências da Religião da PUC/SP. **E-mail:** enio-brito@uol.com.br.

Mesmo dentro de cada uma dessas áreas da psicologia há diferenças e divergências. Dessa forma, temos na área da psicanálise diferentes psicanálises, como, por exemplo, a Psicanálise Clássica (Freud), a Psicanálise Lacaniana (Lacan), a Psicanálise Winnicottiana (Winnicott). Igualmente na área comportamentalista-cognitivista temos diferentes visões, desde o Behaviorismo Radical (Skinner) até a Terapia Cognitivo-comportamental. Isso não é diferente na área das psicologias fenomenológicas, representadas, dentre outras, pela Abordagem Centrada na Pessoa (Carl Rogers), a Logoterapia (Viktor Frankl), a Gestalt-terapia (Fritz Perls).

Minha formação é na Gestalt-terapia, de modo que a visão de ser humano que dá suporte para as reflexões que farei a seguir sobre a saúde existencial está fundamentada nesta abordagem psicológica. Vou levantar 10 características básicas do ser humano segundo o compreende a psicologia fenomenológica (e, por extensão, a Gestalt-terapia), para deixar um pouco mais clara a fundamentação desta visão (GOMES, HOLANDA, & GAUER, 2006; PINTO, 2009). Já aproveitarei para colocar também como cada uma dessas peculiaridades humanas tende a aparecer em uma vida saudável, aprofundando algumas delas na segunda parte deste artigo.

1) Podemos compreender o ser humano como composto de três dimensões e imerso em um campo. Somos corpo-mente-espírito e tendemos a desenvolver cada uma dessas dimensões ao longo da vida, cada pessoa desenvolvendo mais ou desenvolvendo menos uma ou outra delas, a depender de suas circunstâncias (BELLO, 2006; PINTO, 2009). Embora possamos conceber o ser humano como tripartido, é fundamental que tenhamos em vista que ele é um todo e que é o todo que configura as partes, e não o contrário.

Esse todo que cada um de nós é se configura em um ambiente, em um campo, de modo que para podermos compreender uma pessoa precisamos compreender também seu campo. Para a Gestalt-terapia, se este campo nos configura, ele não nos determina, pois somos livres.

Dessa maneira, quando pensamos em saúde existencial temos como uma de suas modalidades o cuidado com o desenvolvimento – ao longo de todo o tempo de vida – do corpo, da mente (ou psiquismo) e do espírito, além da busca de um ajustamento criativo ao campo.

2) Graças à configuração pelo todo, somos seres complexos, corporalmente integrados, que não podem ser explicados, mas devem ser compreendidos, como afirmou Wilhelm Dilthey. Em outros termos, podemos dizer que nossas qualidades decorrem da maneira sempre complexa como nos configuramos. Dessa forma, a compreensão do ser humano deve começar pelo todo que ele é, cuidando para não reduzi-lo a uma ou duas de suas partes, e levando sempre em conta que nossa primeira característica, aquilo que primeiro nos confere existência, é o fato de que somos seres corporais, só existimos através de nosso corpo, nossa realidade primeira.

É essa compreensão de que somos um todo que faz com que nesse texto eu fale em saúde existencial, e não em saúde mental, como comumente se diz, pois somos mais que somente a mente e precisamos compreender nossa saúde como mais ampla que a saúde mental, constituindo a saúde do todo, corpo-mente-espírito imerso em um campo.

A pessoa saudável existencialmente se compreende e compreende seus semelhantes como seres complexos, portanto, irreduzíveis a apenas uma ou duas de suas qualidades ou facetas, resultando disso uma vida com menos julgamentos de si e dos outros.

3) O ser humano é coexistente, quer dizer, a existência se constrói na coexistência. Para que um ser humano se construa como humano, para que ele constitua sua humanidade, é imprescindível que ele conviva com outros seres humanos. É no contato com o outro que cada um de nós se compõe como humano; é na apreciação das semelhanças e das diferenças com relação aos outros humanos que construímos nossa própria humanidade (GIOVANETTI, 2005; ROGERS e STEVENS, 1977).

É por dar especial ênfase a essa característica humana que a Gestalt-terapia é conhecida como uma abordagem dialógica, pois se entende nessa abordagem que desde o princípio o contato e o diálogo são os principais elementos constituintes da personalidade.

Com base no pressuposto da importância da coexistência, podemos entender que a pessoa saudável busca e valoriza os encontros humanos, ainda que haja neles desencontros; busca e valoriza o encontro com a natureza, mesmo que às vezes de modo utilitarista.

4) Um dos conceitos mais fundamentais da visão de ser humano na psicologia fenomenológica é aquele que compreende o ser humano como um ser em constante autoatualização. Nesse olhar se compreende a autoatualização como uma necessidade humana, talvez uma das mais básicas necessidades humanas.

A autoatualização é uma necessidade que cada um de nós tem de, no seu devido tempo e ante sua possibilidade, transformar potenciais em realidades, buscar ser a totalidade mais complexa, mais organizada e mais autônoma que puder (GOLDSTEIN, 1966; MAY, 1987; ARCARO, 2009).

A autoatualização começa pelas necessidades mais básicas e caminha em direção a interesses como os sociais e espirituais, etapas mais elevadas do desenvolvimento humano. Atualizamos constantemente nossas necessidades corporais, nossas necessidades psíquicas, nossas necessidades espirituais e religiosas através da nossa autorregulação, a capacidade de constantemente realizarmos trocas com o ambiente de modo a nos nutrirmos e continuarmos a crescer e, ao mesmo tempo, alimentarmos o ambiente.

Mas atenção: o fato de que há um impulso natural do ser humano para o crescimento não quer dizer necessariamente que esse impulso seja predominantemente positivo. Esse crescimento vai se dar de acordo com as possibilidades da pessoa em seu campo e como um processo de ajustamento criativo à vida e ao ambiente. Devemos nos lembrar de que

aquilo que pode ser visto como positivo em um ambiente pode ser compreendido como negativo em um outro.

Nascemos com potenciais (dons), os quais desenvolvemos ao longo da vida, mas temos mais potenciais do que podemos realizar, de modo que temos que escolher quais deles desenvolver a cada etapa da vida. Nesse processo, constantemente temos que abdicar, ainda que às vezes temporariamente, de alguns potenciais, o que nem sempre é tarefa fácil. Além disso, há potenciais que se esgotam, e reconhecer isso é geralmente muito difícil.

A pessoa em saúde existencial reconhece e aceita sua necessidade de crescer e busca encontrar os meios ambientais que possam facilitar esse crescimento. Assim, o desenvolvimento de uma pessoa saudável não tem fim, ela se renova sempre, a cada momento se transforma em outra pessoa, mantendo-se sempre a mesma, num dos mais belos paradoxos humanos.

5) O ser humano é um ser intencional, quer dizer, inevitavelmente atribui sentido a si e ao mundo, compondo, dessa maneira, uma mútua implicação entre subjetividade e mundo (BERG, 1981; FORGHIERI, 2001; GOMES, HOLANDA & GAUER, 2006).

A premissa aqui é de que a consciência é sempre consciência de algo, configura um movimento em direção a alguma coisa ou evento e lhe dá um sentido. Temos uma necessidade de dar sentido ao vivido e de dar sentido à própria vida para que possamos existir sem demasiada angústia no cotidiano. Assim, nossas concepções a respeito dos aspectos mais importantes da vida (e também dos menos importantes, no fim das contas), como o que é ou onde está a verdade, o que é ou não é real, o que é ou não é sagrado, o que vale a pena conhecer e o que não vale a pena, tudo isso não depende do objeto ou do fato, mas da maneira como a pessoa significa, a maneira como a pessoa vive o contato com aquele fenômeno. Há sempre um envolvimento da pessoa com o mundo e com os acontecimentos mundanos, de modo que o significado de uma vivência é sempre pessoal, singular.

Duas das consequências mais interessantes desse tópico com relação à saúde existencial são: a) a possibilidade da fala autêntica (AMATUZZI, 1989); b) o fato de que a pessoa saudável sabe que não é dona da verdade, embora tenha sua verdade; assim, por se ver livre de certezas, ela se torna mais confiante.

6) O ser humano é livre, orienta-se pelas suas vivências e é responsável pelas escolhas que faz e pelos sentidos que atribui ao que vive e à vida.

Ao ser livre e ao se orientar por suas vivências, ao ter que inevitavelmente escolher a cada passo e por toda a vida, o ser humano está sempre fazendo ajustamentos criativos. Isso quer dizer que ele está sempre contatando com o meio, buscando ser responsável nesse contato e, através desse contato, reconhecer seu espaço, lidar com esse espaço vital de forma a identificar ou criar condições que proporcionem bem-estar e importância para si e para os outros. Isso implica que os ajustamentos integrados fundamentam-se em compromisso, afirmação e coragem. Compromisso consigo mesmo, compromisso com o outro e com o mundo. Afirmação de si enquanto ser de potência e de possibilidades, afirmação do outro enquanto ser de respeito e também de potência e de possibilidades, afirmação do mundo enquanto morada compartilhada a ser cuidada. Coragem para ser, coragem para criar, coragem para vir a ser. Coragem para a sensibilidade e para a solidariedade, pois, como afirma May (1978, p. 187), “coragem é a aptidão para enfrentar a ansiedade que surge na conquista da liberdade”.

A responsabilidade existencial é a capacidade de responder adequadamente às demandas da vida. É essa responsabilidade existencial que sustenta o que podemos chamar de moralidade, a base de nossos valores, aquilo que nos norteia, abre horizontes, aponta rumos em direção ao desenvolvimento de nossa própria humanidade. A responsabilidade existencial é a capacidade de uma pessoa de responder, a cada situação, da maneira a mais integrada possível, a mais autêntica possível, a mais livre possível e a mais autônoma possível. Assim, uma pessoa será tão mais responsável quanto mais integrada

estiver, será tão mais responsável quanto melhor perceber qual é sua melhor configuração em cada situação. Então, o sentido em que tomamos aqui o conceito de responsabilidade está para além do sentido do dever, da responsabilidade moralista, sendo consequente a um processo de reflexão sobre si e sobre o próprio papel no mundo (LIMA, 2007).

Pensando em saúde existencial, podemos dizer que a pessoa saudável busca ser corajosa, sabe que precisa ser corajosa para viver, para escolher, para crescer, para lidar com seus limites. Ao mesmo tempo, ela se reconhece como um ser do mundo, um lugar onde ela pode se sentir em casa e do qual precisa cuidar responsabilmente.

7) O ser humano, do ponto de vista da Gestalt-terapia, é configurado, mas não determinado, pelo ambiente, o qual, por sua vez, limita sua liberdade.

Somente existimos em um ambiente, estamos sempre numa relação organismo/campo através da qual realizamos ajustamentos criativos que nos possibilitam o contato com o ambiente. Nossa vida e nosso crescimento dependem desse contato com o ambiente, dependem de que mantenhamos nossa diferença com relação ao ambiente ao mesmo tempo em que assimilamos esse mesmo ambiente. É no contato com o ambiente que conhecemos diuturnamente o novo, que assimilamos o novo assimilável, que rejeitamos o novo não assimilável ou perigoso, que ultrapassamos ou somos detidos por obstáculos, que nos apropriamos de nosso espaço no mundo (PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, 1997).

Nesses ajustamentos criativos, lidamos com um ambiente que limita nossa liberdade e que, por isso, nos configura, estabelece fronteiras para nosso crescimento e para nossas escolhas, mas sempre fronteiras permeáveis, que não nos impedem de escolher ao mesmo tempo em que limitam nossas escolhas. Se o ambiente não nos possibilitasse escolhas, nos determinaria, mas isso não acontece, pois sempre podemos escolher, ainda que nem sempre possamos escolher entre o ótimo e o ótimo.

Nesses aspectos, a pessoa saudável se reconhece como influenciada por sua época, por sua geografia, por suas relações interpessoais, por sua cultura, constituindo-se como intersubjetividade e culturalidade. Colocando-se como inerentemente em contato com essas fronteiras, busca atualizar-se, e, para isso, se utiliza ao máximo possível dos recursos seus e dos recursos de seu ambiente, lidando apropriadamente com o mundo, com o seu mundo. Além disso, essa pessoa discrimina adequadamente os contatos nutritivos dos tóxicos e lida também adequadamente com cada um deles (CIORNAI, 1989; TATOSSIAN, 2006).

8) O ser humano busca continuamente a construção de si e nessa busca se desvela e se exprime enquanto atualiza seus potenciais.

Como temos a necessidade de autoatualização, isso implica que nos construamos e construamos nosso mundo por toda a vida. Ao fazermos essa construção, vamos nos descobrindo, nos desvelando, ao mesmo tempo em que nos revelamos aos outros e ao mundo ao expressarmos no cotidiano a atualização de nossos potenciais.

A pessoa saudável tem diante da vida uma postura baseada na dialética socrática, ou seja, busca por uma abertura à descoberta, ao desvelamento do que se vive, através de uma disposição para experienciar o descobrir e não se prender em ideias fixas.

9) O ser humano é fluido, dotado de uma tendência a crescer, a tendência autoatualizante de que já comentei, compondo-se em um constante devir, um processo perene de vir-a-ser. Em outros termos, em Gestalt-terapia entendemos que o ser humano é sempre gerúndio, ele não é, ele *está sendo*. Por isso o ser humano é ser de abertura, é ser de perenes e complexas possibilidades com as quais precisa lidar por toda a vida. Se é certo que, como já comentamos, algo permanece da própria identidade por toda a vida, é igualmente certo que, ao existirmos, ao nos colocarmos para o mundo, para fora de nós mesmos, vamos vivendo processos dos quais saímos modificados e nunca prontos. A fluidez de nosso ser se caracteriza pelo diálogo constante e infinito

entre a permanência e a mudança, a primeira sendo suporte para a segunda, pois só podemos mudar se algo permanecer.

A pessoa saudável existencialmente, então, reconhece e aceita a abertura que é, não se apegando a rótulos e a definições de si ou de outros, confiando em que por toda a vida buscará a cada momento a melhor forma possível.

10) No que diz respeito à finitude, para a Gestalt-terapia a vida é um constante abrir e fechar de *Gestalten*, quer dizer, a vida é um ritmo de sucessivas e infinitas aberturas e fechamentos, nascimentos e mortes. Nascemos em um dia, morremos em outro e entre estes dois momentos nascemos e morremos inúmeras vezes por dia, todo dia. Necessidades surgem, são satisfeitas, somem para dar lugar a novas necessidades. Para a Gestalt-terapia, a saúde se caracteriza principalmente pela abertura a este ritmo de formação e fechamento de *Gestalten*, vida-morte-vida, que constitui o nosso cotidiano.

A pessoa saudável tem uma tendência a lidar melhor com os fechamentos necessários e com os desapegos necessários para que esses fechamentos se deem em seu devido tempo. Dessa forma, tende a fazer escolhas mais ousadas, menos repetitivas, pois sabe que só repetir o caminho já trilhado dá uma falsa sensação de segurança e um falso senso de controle sobre a vida.

Uma concepção de saúde em Gestalt-terapia

Uma vez colocados os pontos mais importantes da visão de ser humano que embasa a noção de saúde e adoecimento em Gestalt-terapia, e tendo já feito algumas discussões sobre a saúde existencial em cada tópico, cumpre agora aprofundar um pouco mais o tema e escolher alguns critérios dentre aqueles que o Gestalt-terapeuta utiliza para a compreensão diagnóstica de seus clientes, um dos pontos centrais de um trabalho psicoterapêutico. Quando um Gestalt-terapeuta busca conhecer e compreender seu cliente, uma das primeiras buscas que faz é a tentativa de perceber em que aspectos da vida essa pessoa pode ser considerada mais saudável e em

quais ela ainda não atingiu o desenvolvimento suficiente. Então, como compreender o que é uma vivência de saúde emocional? Que critérios a Gestalt-terapia tem a oferecer para que cada pessoa possa nortear a ampliação de sua saúde existencial?

Antes de tudo: a saúde existencial é horizonte. É um horizonte que precisa ser buscado por toda a vida com a certeza de que não será encontrado, pois a saúde existencial plena é apenas um ideal, não é realizável no cotidiano. A cada avanço que conseguimos em nossa saúde existencial, novas necessidades surgem, mercê de nossa infundável autoatualização, e é por isso que se pode comparar a saúde ao horizonte, pois ela também é inalcançável. Dessa forma, seria bom que nos inspirássemos em Winnicott (1983), com seu conceito de “mãe suficientemente boa”, e nos utilizássemos daqui em diante da ideia de “pessoa suficientemente saudável”.

A saúde existencial deve ser percebida no cotidiano (*Lebenswelt*). Assim, evita-se o risco de idealizações, de imaginar-se capaz de realizações que, na prática, são mais difíceis e trabalhosas do que parecem. Dessa forma, quando se pensa na saúde existencial deve-se pensar em como ela se expressa no cotidiano, o tempo e o lugar em que de fato existimos, e como ela é vista pelos outros com quem convivemos, especialmente por aqueles outros com quem temos intimidade existencial.

É especialmente a qualidade do contato que vai determinar, do ponto de vista gestáltico, a presença da saúde existencial. Isso abre uma série de perguntas que se deve fazer quando queremos saber dessa saúde, todas elas fundamentadas na visão de ser humano que discutimos acima, e sempre se levando em conta a idade e a cultura da pessoa: *Como* a pessoa se relaciona consigo? *Como* vive sua corporeidade? *Como* vive seu mundo, como se relaciona com o outro, com a realidade compartilhada? *Como* está sua capacidade de autopercepção e de percepção do outro e do mundo? *Como* vive sua temporalidade? *Como* ocupa os espaços? *Como* está seu autossuporte (e sua consequente habilidade para responder às escolhas que faz)? *Como* estão sua

criatividade e flexibilidade diante das exigências da vida? *Como* se deixa conduzir pela situação nos infinitos processos de autoatualização e de transformação de si e do mundo que realiza em seu dia a dia, em seu cotidiano, o lugar e o tempo nos quais a vida efetivamente acontece? Como (e se) se abre para o desconhecido e para o desconhecer-se renovadores, para as possibilidades que sua inevitável e complexa abertura o conduz? Será capaz de assombrar-se com os mistérios mais profundos da vida e do sagrado como uma criança se surpreende com um novo e insuspeitado conhecimento? Finalmente, como lida com as finitudes, com os desapegos, com as *Gestalten* que diuturnamente se abrem e se fecham, com a mortalidade?

Note que as questões principiam sempre pela palavra “como”. O como é o foco maior de interesse para o olhar gestáltico por possibilitar melhores compreensões que os porquês.

Desses tantos possíveis “comos”, vou eleger alguns temas para discutirmos um pouco mais detalhadamente, aqueles cuja discussão me parece mais útil neste artigo: *COMO* a pessoa lida com as relações; a temporalidade (o tempo vivido); a corporeidade (o corpo vivido) e a espacialidade (espaço vivido); a conscientização e a valoração; a vida afetiva e a sexualidade.

Inevitavelmente, os critérios incluirão apenas alguns aspectos de cada tópico. É melhor fazermos uma descrição suficientemente vaga que um detalhado e inoperante conjunto de características que só teria como consequência uma fria objetificação de cada pessoa.

As relações – contato e diálogo

O principal pressuposto do qual parte a Gestalt-terapia, quando busca definir a saúde existencial, é de que o ser humano é dialogal. A relação é a principal característica a ser observada, provocando a pergunta mais básica: Como a pessoa se relaciona com os outros, consigo, com o mundo? Como faz contato, como se faz presente nas relações? Isso

porque nós só existimos quando em relação, só compomos nossa humanidade, como já vimos, a partir das relações que estabelecemos ao longo da vida com as outras pessoas.

Dessa questão emerge outra, igualmente importante, que é a que indaga sobre como a pessoa se faz presente enquanto totalidade nas relações que estabelece. Em nenhuma relação somos inteiros, pois cada relação em cada momento necessita de um tipo de presença, mas a pessoa suficientemente saudável está disponível para as relações em sua inteireza, confiante de que colocará de si o que é necessário naquele contato para que ele seja enriquecedor. Assim, essa pessoa pode olhar o outro como a pessoa que é; perceber o outro como essencialmente diferente, de uma forma única e definida, que lhe é própria. Aceitar o outro, de modo que possa ter, sempre que possível, contatos de pessoa a pessoa e não de máscara a máscara, pois, como bem diz Buber (cit. em Amatuzzi, 1989, p. 43), “o homem é antropologicamente existente, não no seu isolamento, mas na integridade da relação entre homem e homem: é somente a reciprocidade da ação que possibilita a compreensão adequada da natureza humana”.

A pessoa suficientemente saudável sabe que cada relação é um risco, pois sempre que nos damos a um contato corremos o risco de vivermos posteriormente uma separação dolorida ou, por outro lado, a perda da identidade por nos entregarmos demais ao outro. Mas é aí, nessa possibilidade de viver contatos de proximidade e de intimidade, que reside a aventura e a arte do bem viver (POLSTER E POLSTER). É óbvio que não podemos viver só relações de intimidade, mas é igualmente óbvio que a pessoa de boa saúde existencial tem pessoas eleitas com quem compartilha suas esperanças e sonhos, com quem divide suas dores e frustrações, para quem tem ouvidos e presença confiáveis sempre que possível, em encontros de reciprocidade leal, pois sabe que o mundo é sempre intersubjetivo, sempre um mundo compartilhado. Por fim, a pessoa suficientemente saudável sabe da importância da solidão, do contato consigo, do valor da congruência e da coerência, podendo dosar contato com

o outro e contato consigo, companhia e solidão, contato e recolhimento, cada um a seu tempo e em sua situação.

A temporalidade – tempo vivido

Cada um de nós vive em dois tempos, o tempo compartilhado, mostrado nos relógios e nos calendários, simbolizado pelo deus Cronos da mitologia grega, e o tempo próprio, único, o tempo vivido, representado para a psicologia fenomenológica por Kairós, na mitologia grega um dos filhos de Cronos. Os dois tempos têm inúmeros encontros e desencontros pela vida afora.

No relógio, quantas atividades de duas horas duram um dia inteiro ou apenas minutos. No calendário, cada idade pode trazer nostalgia por idade anterior ou ansiedade por idade por vir. De toda forma, é perene a necessidade de diálogo entre os dois tempos. Em parte isso se dá por causa de uma qualidade humana, das mais ricas, que é o fato de que nossa maturação não acaba nunca. A cada etapa da vida somos levados a rever valores, a fazer novos posicionamentos, a confirmar valores e posicionamentos antes assumidos, num processo sem fim. Por outra parte, talvez o diálogo mais difícil entre Cronos e Kairós em cada pessoa é aquele travado no dia a dia, que busca a contemporização entre o tempo do ser e o tempo do fazer, as atividades (geralmente profissionais) que nos são exigidas e o necessário tempo para orar, para deixar a vida fluir sem obrigações, para o ócio criativo.¹

A consciência da mortalidade é fruto da lida com o tempo. Do ponto de vista psicológico, a melhor maneira que temos para lidar com ela é a presentificação, quer dizer, a atitude da pessoa suficientemente saudável é ampliar sua consciência e sua vivência do presente, pois é apenas no presente que podemos existir, nos cuidarmos (e cuidarmos de nossas comunidades e do ambiente) e fazer nossas coisas. Grande parte do sofrimento vem da dificuldade em aceitar os limites do aqui-e-agora, o potencialmente criativo ponto de encontro do passado, do presente e do futuro. É no

1. Não conheço texto mais profundo e belo sobre o tempo e a temporalidade que aquele que encontramos em Eclesiastes 3,1-8, para o qual remeto o leitor com a sugestão de que tome tempo para degustá-lo.

presente que temos consciência dos limites e das possibilidades, dos nossos recursos já disponíveis e daqueles recursos que ainda precisamos desenvolver, bem como das possibilidades que temos para bem utilizar os recursos internos e os recursos ambientais disponíveis. Com isso não estou falando de imediatismo e de seu inevitável vazio, antes pelo contrário. Ficar o mais possível no presente significa dar-se conta de que é no presente que temos nossas recordações, que lembramos nosso passado e com ele aprendemos e o honramos, da mesma maneira que é no presente que estudamos nossas possibilidades futuras, que fazemos nossos projetos para o futuro ou que acalentamos nossos sonhos, de modo que é no presente que podemos ter ações ou atitudes que nos coloquem mais adequada e pacientemente em busca dessas possibilidades, desses projetos e desses sonhos. Essa presentificação nos situa no lugar da ação possível, o lugar da coragem, ao mesmo tempo em que nos coloca mais claramente diante de nossos limites a cada momento. Isso tende a ampliar a qualidade de nossas escolhas e do senso de responsabilidade delas decorrentes.

Corporeidade e espacialidade – corpo e espaço vividos

A corporeidade é o corpo vivido, a espacialidade é o espaço vivido.

Na questão do corpo, podemos dizer não que temos um corpo, mas, sim, que somos um corpo. No corpo que somos, o corpo vivido, a saúde existencial aparece objetivamente na vitalidade corporal. Olhos brilhantes, pele colorida e aquecida, expressão espontânea e graciosa, corpo que percebe seus ritmos e os respeita, são características demonstradoras de saúde. Especial importância têm os olhos e o olhar, pois neles está o espelho da alma (LOWEN, 1983). Somos corpo, psiquismo e espírito, de modo que é preciso cuidar também dos diálogos entre corpo, espírito e mente.

No que diz respeito ao espaço e à espacialidade, podemos lembrar que um caminho objetivamente longo pode ser

mais curto do que um caminho objetivamente curto. Ao nos orientarmos somente pela distância objetivamente medida, perdemos contato com a distância vivida. O que nos interessa especialmente, quando falamos de espacialidade, é a maneira como a pessoa ocupa os espaços, quer seja com sua presença corporal, quer seja com sua voz ou seus gestos, quer seja com seu olhar.

A pessoa suficientemente sadia cuida sempre de ocupar o espaço que lhe é de direito, buscando fazê-lo confortavelmente, ao mesmo tempo em que cuida para que o outro também ocupe o espaço que lhe é de direito. No que diz respeito à corporeidade, a pessoa suficientemente sadia sabe que é um corpo, tem consciência de que o corpo não é algo que se tenha, não é um objeto do qual se tome posse, de modo que cuida sempre de sua saúde corporal e, ao se expressar, denota o cuidado consigo, pois ela não diz “meus pés têm cócegas”, mas “sinto cócegas nos pés”, da mesma maneira que não diz “meu estômago dói”, mas “sinto dor no estômago”. Os pés e o estômago não são objetos que temos no corpo, mas compõem, com inúmeros outros órgãos, o corpo que somos.

Conscientização e valoração – o que e como se percebe

Tomar consciência é um ato que depende de um bom contato. Para Perls (1977, p. 85), bom contato significa que as pessoas possam “ver a si mesmas como partes do campo total e daí relacionarem-se tanto consigo quanto com o mundo”. Contato refere-se à natureza e à qualidade da forma como nos damos conta de nós mesmos, de nosso ambiente e dos processos a ele relacionados.

Eu posso estar em contato comigo mesmo (meu corpo, meus estados internos), com o meio (o próximo, a natureza, situações, objetos), com minhas fantasias (STEVENS, 1976). Isso gera três tipos de consciência: consciência do corpo, consciência do mundo e consciência das fantasias. A propriocepção² é a base do contato e da consciência

2. Wikipédia: Propriocepção, também denominada de cinestesia, é o termo utilizado para nomear a capacidade em reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação, a força exercida pelos músculos e a posição de cada parte do corpo em relação às demais, sem utilizar a visão. Este tipo específico de percepção permite a manutenção do equilíbrio postural e a realização de diversas atividades práticas. Resulta da interação das fibras musculares que trabalham para manter o corpo na sua base de sustentação, de informações táteis e do sistema vestibular, localizado no ouvido interno.

corporais; a percepção e a consciência do mundo são dadas pelos sentidos, pois eu vejo o mundo, eu o ouço, eu o toco e sou tocado por ele, eu o saboreio e o percebo pelo olfato. As fantasias também nos localizam existencialmente, pois elas dizem respeito ao passado, ao futuro, aos sonhos e a toda abstração e simbolização.

A consciência é a base da identidade e aqui há um fator interessantíssimo: é importante que possamos nos conhecer, mas é igualmente importante que possamos não nos conhecer. Somos sempre novos e potencialmente modificáveis, sempre os mesmos, embora sempre diferentes, ou seja, se o ideal é um bom padrão de autoconhecimento, igualmente ideal é que a pessoa não perca a consciência de que nunca está pronta, de que a vida traz contínua possibilidade de renovação e de mudança, dentro de certos (e bastante elásticos) limites.

A consciência humana é fortemente atravessada pela culturalidade, pois sempre existimos em uma cultura, a qual, como já vimos, nos configura sem nos determinar. Nascermos em um mundo que já está cumprindo sua própria história, em uma cultura que já tem definidos seus principais valores, de modo que primeiramente nós aprendemos quais são nossos papéis e somos educados para viver adequadamente nesta cultura, o que quer dizer que somos educados para e pelas nossas comunidades históricas. Nossos valores, então, são primeiramente os valores da cultura da família e só aos poucos, à medida que amadurecemos, é que podemos questioná-los e tomar alguns como nossos, rejeitando ou adaptando outros. Se sempre somos parte de uma cultura, se compartilhamos um fundamento simbólico e comunicacional, a saúde existencial se baseia também numa postura sempre crítica com relação a essa cultura.

A pessoa suficientemente saudável busca sempre ampliar sua consciência, seu dar-se conta de si e do mundo, através de sua constante presentificação, ao mesmo tempo em que busca ampliar sua consciência moral através da crítica ética aos valores culturais.

A afetividade – o sentir e o dever

O sentimento é constituído basicamente por dois elementos: uma atividade corporal e a percepção consciente desta atividade. Há um movimento corporal, nós o percebemos e o nomeamos como sendo um sentimento (LOWEN, 1993). Vivenciamos, *grosso modo*, seis sentimentos (polares) e suas combinações: amor e raiva; medo e coragem; alegria e tristeza. Por exemplo: a saudade é uma combinação do amor com a tristeza, o ciúme é uma combinação do amor com o medo, a fé é uma combinação da coragem com o amor e a alegria.

Nenhum sentimento é bom ou ruim por si, tudo depende de como é vivido, do diálogo que podemos estabelecer com nossos sentimentos, do que potencialmente eles nos apontam. Não dá para se escolher o que sentir, uma vez que os sentimentos são *acontecimentos* corporais, não são frutos da vontade. A vontade governa os atos, e, assim mesmo, nem sempre! A liberdade e a vivacidade se enraízam na possibilidade do diálogo com os sentimentos, e não em seu domínio ou negação ou repressão. A principal patologia aqui é a apatia, o não sentir.

Além de ser chave da graça e da espiritualidade do corpo, os sentimentos são também fundamento para o contato e chave da sexualidade, por isso geralmente se fala em sexualidade e afetividade. Sexualidade, nunca é demais frisar, é um conceito amplo, pois se todos os fenômenos genitais são sexuais, há uma série de fenômenos sexuais que não têm relação direta com o genital. A boa vivência da sexualidade humana está para além dos preceitos culturais e do biológico, está para além do reflexo ou do dever, sendo muito mais fruto do reflexivo (MARTINEZ & PASCUAL, 1998).

A pessoa suficientemente saudável conhece, aceita, respeita e dialoga com seus sentimentos, sejam eles quais forem em cada circunstância. Por isso, gerencia bem sua sexualidade e sua vida sexual, fundando-se para isso em algumas premissas básicas, das quais destacarei três.

- 1) A pessoa suficientemente saudável lida com a sexualidade para além da repressão moralista ou da sublimação compensadora, i.e., integra a sexualidade. A pessoa que tem uma sexualidade integrada é aquela que pode dizer, com todas as letras, e tomando corajosa posse de sua fala, “eu sou um ser sexual, e isso é uma de minhas qualidades”.
- 2) A sexualidade, quer seja no que se refere ao celibato, quer seja no seu sentido mais amplo, é sempre uma vivência individual. Cada pessoa tem o seu jeito próprio e único de perceber sua sexualidade e tem que desenvolver seu jeito próprio e único de viver a sexualidade.
- 3) A Identidade sexual não é escolha, mas descoberta. “A orientação sexual não é uma questão de branco e preto. Então, pessoas em quem predomina a orientação heterossexual podem experimentar, em menor grau, e em certas situações, sentimentos de atração ao próprio sexo” (Duffy, 2006, p. 121).

À guisa de conclusão – algumas reflexões

A pessoa suficientemente sadia conhece o sofrimento, reconhece o trágico da existência humana e sabe que os sofrimentos e os conflitos pelos quais ela passa não são sem sentido ou desnecessários, mas resultantes de mudanças decorrentes de aberturas para que novas configurações possam emergir. Dessa forma, a pessoa suficientemente sadia sabe que pode e deve abrir-se às possibilidades que a vida lhe proporciona; sabe também que precisa aceitar e lidar com as restrições existenciais que encontra, da mesma maneira que precisa aceitar e lidar com as ampliações do existir. Dessa forma, a pessoa suficientemente saudável reconhece que pode desenvolver ajustamentos habilidosos e criativos aos prazeres e às conquistas, e também aos sofrimentos, aos adoecimentos, ao envelhecimento e à mortalidade, comuns a todos os humanos. Mais que isso, ela sabe que viver saudavelmente implica entregar-se desapeadamente à vida, quer dizer, além de viver plenamente o crescimento e os prazeres, também reconhecer e sofrer com as inevitáveis perdas, mas

sem se apegar a elas. Além disso, é também ser de abertura para o mistério, sabe que o crescimento humano só se dá quando a pessoa se nutre do que a transcende infinitamente, pois a sensibilidade existencial abre para o sagrado.

Bibliografia

- AMATUZZI, M. M. *O resgate da fala autêntica*. Campinas: Papyrus, 1989.
- ARCARO, N. A psicologia humanista. In: PINTO, Ê. B. (org.). *Gestalt-terapia: encontros*. São Paulo: IGSP, 2009.
- BELLO, A. A. *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: EDUSC, 2006.
- BERG, J. H. van den. O paciente psiquiátrico: esboço de uma psicopatologia fenomenológica. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- CIORNAI, S. *Em que acreditamos?* Mesa-redonda no II Encontro Nacional de Gestalt-Terapia. Disponível em: <<http://www.gestaltsp.com.br/textos.htm>>. Acesso em: 07/03/2005.
- D’ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. *Dicionário de Gestalt-terapia: Gestaltês*. São Paulo: Summus.
- DUFFY, K. F. Espiritualidad, afectividad e integración psicosexual en el acompañamiento de sacerdotes y religiosas (os). *Revista Humanitas: Revista de Investigación*, n. 2, vol. 2, número extraordinario. San José: Universidad católica de Costa Rica, 2006, p. 104-124.
- GIOVANETTI, J. P. A consciência religiosa do homem ocidental, em *Anais do XI Encontro Goiano da Abordagem gestáltica*. Goiânia: ITGT, 2005. p. 99-108.
- GOLDSTEIN, Kurt. *Human Nature in the Light of Psychopathology*. New York: Schocken Books, 1966.
- GOMES, W. B.; HOLANDA, A. F.; GAUER, G. *Psicologia humanista no Brasil*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/museupsi/brasillpsio.htm>>. Acesso em: 25/11/2006.
- LIMA, P. Responsabilidade. In: D’ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. *Dicionário de Gestalt-terapia: Gestaltês*. São Paulo: Summus, 2007.
- LOWEN, A. *O corpo em depressão*. São Paulo, Summus, 1983.
- _____. *A espiritualidade do corpo: bioenergética para a beleza e a harmonia*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MARTÍNEZ, T. P.; PASCUAL, C. P. *Compreender a sexualidade: para uma orientação integral*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- MAY, R. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

- PERLS, F. S. *Gestalt-terapia Explicada* [Gestalt therapy verbatim]. São Paulo: Summus, 1977.
- _____ e outros. *Isso é Gestalt*. São Paulo: Summus, 1977.
- PERLS, F. S., HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.
- PINTO, Ê. B. *Psicoterapia de curta duração na abordagem gestáltica: elementos para a prática clínica*. São Paulo: Summus, 2009/2013.
- _____ (org.). *Gestalt-terapia: encontros*. São Paulo: IGSP, 2009.
- _____. *Os padres em terapia: esclarecendo singularidades*. Aparecida: Ideias e Letras, 2012.
- POLSTER, E.; POLSTER, M. *Gestalt-terapia integrada*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- ROGERS, C.; STEVENS, B. *De pessoa para pessoa: o problema de ser humano*. São Paulo: Pioneira, 1977.
- STEVENS, J. O. *Tornar-se presente: experimentos de crescimento em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1976.
- TATOSSIAN, Arthur. *A fenomenologia das psicoses*. São Paulo: Escuta, 2006.
- WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Saúde existencial e Vida Religiosa são compatíveis?
2. Como você cuida de si no que se refere à saúde existencial?
3. Posso ser religioso/a feliz e eficaz na missão, sem cuidar de minha saúde existencial?